

**ELEMENTOS DE GRAMÁTICA DA LÍNGUA
PORTUGUESA, NOÇÕES DE REDAÇÃO E DE LEITURA
ANALÍTICA**

**Apostila organizada por
Prof. Dr. Luís Antônio Contatori Romano
Profa. Ms. Patrícia A. Beraldo Romano**

Campinas, 2006.

SUMÁRIO

Apresentação	- 03
PRIMEIRA PARTE	- 04
1. Grafia da palavra “porquê”	- 04
2. Uso mau ou mal	- 05
3. Menos	- 05
4. A nível de, em nível ou ao nível	- 06
5. A par e ao par	- 06
6. Senão ou se não	- 06
7. Desde	- 06
8. Em vez de ou ao invés de	- 06
9. Emprega-se o hífen	- 07
10. Onde e aonde	- 08
11. Quite e quites	- 09
12. Todo	- 09
13. À medida que ou na medida em que	- 09
14. Ao encontro de ou de encontro a	- 09
15. Acentuação gráfica	- 10
16. Regência verbal	- 12
17. Crase	- 15
18. Colocação pronominal	- 18
19. O pronome Se	- 20
20. Pronomes de tratamento	- 21
21. Pronomes possessivos	- 21
22. Pronomes demonstrativos	- 21
23. Pronomes indefinidos	- 22
24. Pronomes relativos	- 22
25. Emprego dos pronomes pessoais eu e tu; mim e ti	- 23
26. Concordância nominal	- 25
27. Concordância verbal	- 26
28. Regras de pontuação	- 31
SEGUNDA PARTE	- 34
29. Compreensão de texto: palavras-chave e idéias-chave	- 34
30. Níveis de linguagem	- 37
31. Coesão textual	- 38
32. Emprego de conectivos	- 45
33. Coerência textual	- 46
34. Nonsense – orações incompletas	- 47
35. Funções da linguagem	- 54
36. Elaboração de E-mail	- 59
37. Tipologia textual	- 60
38. Textos persuasivos	- 74
39. Dez passos para elaborar um currículo	- 76
Bibliografia	- 79

“O homem é um ser de palavras. E ao inverso: toda filosofia que se serve de palavras está condenada à servidão da história, porque as palavras, tal como os homens, nascem e morrem. Assim, num extremo, a realidade que as palavras não podem expressar; no outro, a realidade do homem que só pode se expressar com palavras.” (Octavio Paz. O Arco e a Lira)

Apresentação

A responsabilidade pelo ensino da leitura e produção de textos não é exclusiva do professor de Língua Portuguesa, mas é seu compromisso primeiro. E, para que esse projeto tenha sucesso, é necessário trabalhar não só a Gramática Normativa, mas também a construção de textos, que envolvem mecanismos mais complexos do que a mera união de uma frase ao lado de outra. Diante disso, nessa apostila, o aluno encontrará, na primeira parte, questões puramente gramaticais que deverão, para terem sentido, serem aplicadas às produções textuais a serem trabalhadas na segunda parte, que também contém elementos de coesão e coerência fundamentais para uma eficaz construção textual. Além disso, este material apresenta questões de leitura e interpretação de textos que tem por finalidade fazer com que o aluno desenvolva um ponto de vista crítico e analítico.

Escrever conforme a norma culta — que não representa uma camisa-de-força, mas um tesouro das formas de expressão mais bem cultivadas da língua — é um requisito para qualquer profissional de nível universitário que se pretenda elevar acima da vala comum de sua profissão. O domínio eficiente da língua, em seus variados registros e em suas inesgotáveis possibilidades de variação, é uma das condições para o bom desempenho profissional e social.

PRIMEIRA PARTE

Estudos gramaticais

Procure reescrever corretamente os períodos transcritos abaixo, eliminando possíveis ambigüidades ou problemas de concordância:

1) “Fazendo sucesso com sua nova clínica, a psicóloga Iracema Leite Ferreira Duarte, localizada na rua Campo Grande, 159.” (*Correio de Mato Grosso*, esse fragmento foi utilizado em questão do Vestibular da Unicamp).

Resposta:

2) “Pode-se argumentar, é certo, que eram previsíveis os percalços que enfrentariam qualquer programa de estabilização (...) necessário no Brasil.” (*Folha de S. Paulo*, esse fragmento foi utilizado em questão do Vestibular da Unicamp).

Resposta:

Apresentamos, a seguir, algumas noções de Gramática da Língua Portuguesa que o ajudarão a melhorar sua produção textual. Lembre-se de que escrever exige muita leitura, consultas a dicionários e gramáticas, perseverança e um trabalho contínuo com a palavra.

1. Grafia da palavra “porquê”.

1.1. Escreve-se “**por que**” quando:

- inicia ou introduz uma oração interrogativa.

Por que você foi embora? (interrogativa direta = **por que razão**).

Não sei **por que** você foi embora. (interrogativa indireta = **por que razão**).

- quando se subentende a palavra “**motivo**”.

Ele não explicou por que (**motivo**) não veio à escola.

Gostaria de saber **por que** o defeito não foi reparado.

- quando puder ser substituído por uma das expressões: “**pelo qual**”, “**pela qual**”, “**pelos quais**”, “**pelas quais**”.

Não vou lhe dizer as razões **por que** deixei de vir à aula.

O atendente disse o motivo **por que** o produto não pode ser trocado.

1.2. Escreve-se “**porque**” quando indicar motivo e for conjunção. Pode ser substituído pela conjunção explicativa **pois**.

Não veio à festa **porque** não quis. (O motivo de não vir foi falta de vontade).
Equivale à frase: Não veio à festa, **pois** estava doente.
Não veio à festa **porque** estava doente.

1.3. Escreve-se “**por quê**” no final de uma oração interrogativa direta ou indireta.
Você foi embora **por quê**?
João não sabia **por quê**.

1.4. Escreve-se “**porquê**” quando for substantivo (pode ser substituído por sinônimos, tais como “a razão” ou “o motivo”).
Eis o **porquê** de sua atitude. (= Eis o **motivo** de sua atitude.)

Exercícios de aplicação:

1. Não sei _____ você tem tanto medo de avião.
2. Ele está assim _____ a mãe viajou.
3. Não fez o trabalho _____ passou a noite inteira jogando cartas.
4. A causa _____ lutamos é muito elevada.
5. Todo crime tem seu _____.
6. Isso dói e não sei _____.
7. Estava muito cansado, eis _____ não fui à sua festa.
8. Isso acontece _____ somos muito acomodados.
9. Não me interessa o _____ de sua ausência.
10. Não vou dizer as razões _____ deixamos de trabalhar com o nosso ex-sócio.

2. Uso de “mau” ou “mal”.

2.1. “**Mau**” é adjetivo, palavra variável, modifica um substantivo. Tem feminino (má) e plural (maus, más). Seu antônimo é “bom”.

Exemplos: livro mau, mau exemplo, mau gosto, mau humor.

2.2. “**Mal**” é advérbio, palavra invariável, modifica um verbo, um adjetivo ou outro advérbio. Seu antônimo é “bem”.

Exemplos: falar mal, mal-humorado.

2.3. “Mal” pode também ser empregado como substantivo; seu plural é “males”.

Exemplos:

O mal está em todos nós.

Há males que vêm para bem.

3. **Menos** é palavra invariável, independentemente de sua categoria gramatical.

3.1. Pronome indefinido: menos chuvas, menos coisas.

3.2. Advérbio: chove menos.

3.3. Substantivo: o menos que lhe pode acontecer é ser rebaixado de cargo.

4. A nível de, em nível ou ao nível

4.1. A forma correta é **em nível** e não **a nível**. A expressão **em nível de** significa “no plano de”, “em termos de”.

Em nível federal o governo adotará novas medidas para conter as greves.

4.2. A expressão **ao nível de** significa “na mesma altura”.

Exemplo: Santos está ao nível do mar.

5. A par e ao par

5.1. No sentido de estar ciente de alguma coisa, emprega-se **a par**.

Exemplo: José estava a par do que acontecia.

5.2. A expressão **ao par** apenas deve ser empregada em relação a câmbio. Significa “em equivalência de valor”, uma moeda em função de outra.

Exemplo: “eis... que a subida inesperada do partido conservador, firmando o crédito de Estado, elevou o papel-moeda, deixando o câmbio quase ao par.” (Aluísio Azevedo. *O Coruja*).

6. Senão ou se não

6.1. “Se não” equivale à expressão “caso não” ou “quando não”. Emprega-se em frases em que há alternativa, incerteza, imprecisão.

Se não chover, iremos à praia.

Irão, se não brincarem agora.

Comprarei três camisas novas, se não quatro.

6.2. “Senão” deve ser usado quando corresponder a uma das expressões seguintes: “no caso contrário”, “de outro modo”, “a não ser”, “mas sim”.

Ande, senão chegaremos tarde.

Lute, senão estará perdido!

Eis a vantagem, disse, senão ele nunca compraria.

Não vieram, senão eles dois.

Não o fez para irritá-lo senão para adverti-lo.

7. Desde

Nunca escreva “desde de”, nem “desda”, nem “desdo”.

Não o vejo desde 1990.

Moramos aqui desde o ano em que chegamos do Ceará.

Apaixonei-me desde a primeira vez que a vi.

8. Em vez de ou ao invés de

8.1. A expressão “ao invés de” deve ser empregada para indicar idéia de oposição, contrariedade.

Com a chegada da safra, não ocorreu o que se esperava. Ao invés de cair, os preços subiram.

8.2. A expressão “em vez de” significa “em lugar de”.

Em vez de ir ao cinema, achei melhor ficar em casa.

Observação: Quando há idéia de oposição, não é obrigatório o uso de “ao invés de”. Pode-se empregar “em vez de” com a idéia de oposição ou sem ela, mas só se pode usar “ao invés de” para idéias rigorosamente opostas.

O time precisava atacar e vencer; ao invés disso (ou “em vez disso”), ficou na defesa e perdeu.

Em vez dos Estados Unidos, escolhi a Itália para morar. (Nesse caso não é possível usar “ao invés de”, pois não há idéia de oposição).

9. Emprega-se o Hífen:

a) Nos compostos cujos elementos perderam sua significação própria.

Exemplos: água-marinha, arco-íris, pé-de-meia, pára-quedas, tenente-coronel.

b) Nos compostos com o primeiro elemento empregado de forma adjetiva, reduzida ou não.

Exemplos: anglo-brasileiro, greco-romano, histórico-geográfico, latino-americano, luso-brasileiro.

c) Nos compostos com os radicais AUTO, NEO, PROTO, PSEUDO e SEMI, quando o elemento seguinte começa por vogal, H, R, ou S.

Exemplos: auto-retrato, neo-humanismo, pseudo-revelação, semi-reta, semi-selvagem.

d) Nos compostos com radical PAN ou MAL, quando o outro elemento começa por vogal ou H.

Exemplos: pan-americano, pan-helênico, mal-educado, mal-humorado.

e) Nos compostos com BEM.

Exemplos: Bem-te-vi, bem-aventurança.

f) Nos compostos com SEM, ALÉM, AQUÉM e RECÉM.

Exemplos: sem-cerimônia, além-mar, aquém-fronteiras, recém-casado.

g) Com os prefixos CONTRA, EXTRA, INFRA, INTRA, SUPRA e ULTRA, quando seguidos de palavra iniciada por vogal, H, R ou S.

Exemplos: contra-almirante, extra-regimental, intra-hepático, supra-sumo, ultra-rápido.

h) Com os prefixos ANTE, ANTI, ARQUI e SOBRE, quando seguidos de palavra iniciada por H, R ou S.

Exemplos: ante-histórico, anti-higiênico, arquí-rabino, sobre-saia.

i) Com os prefixos SUPER e INTER, quando seguidos de H ou R.

Exemplos: super-homem, inter-resistente.

j) Com os prefixos SOB e SUB, quando seguidos de radical iniciado por R.

Exemplos: sob-roda, sub-reino.

l) Com os prefixos VICE e EX.

Exemplos: ex-diretor, vice-presidente.

m) Com os prefixos PÓS, PRÉ e PRÓ.

Exemplos: pós-diluviano, pró-britânico, pré-escolar.

Exercícios de Aplicação

Assinale a resposta correta:

1. Você não se saiu (mal/ mau) durante o debate.
2. O (mal/ mau) caráter não disse (porque/ porquê/ por que/ por quê) cometeu o crime.
3. Carlos falou (mal/ mau) do filme mesmo assim irei assisti-lo no sábado (senão/ se não) no domingo.
4. A empresa teve um (mal/ mau) desempenho no ano passado.
5. O (superomem/ superhomem/ super-homem/ super homem) foi chamado para executar o plano (anti-inflacionário/ anti inflacionário/ antinflacionário/ antiinflacionário).
6. (Ao invés de/ Em vez de) pagode, prefiro ouvir Chico Buarque.
7. O professor João estava (a par/ ao par) de que hoje haveria (menas/ menos) pessoas na escola devido ao jogo do Brasil.
8. (A nível de município/ Em nível municipal) haverá novas medidas para aumentar a arrecadação de impostos.
9. É uma pessoa lenta, (senão/ se não) preguiçosa.
10. Fale alto (senão/ se não) ninguém vai ouvir nada.
11. (Em vez de/ Ao invés de) de ficar folheando revistas, vá estudar.
12. Maria estava (a par/ ao par) dos fatos (desde o/ desde) último sábado.

10. Onde e Aonde

Sempre indicam lugar.

Aonde: indica movimento para um lugar, destino.

Aonde você vai?

Onde: indica lugar estático, ponto fixo.

Onde você mora?

Morei em uma cidade onde não havia cinema.

Errado: “Viver a divina comédia humana, onde nada é eterno.” (Belchior)

Correto: Viver a divina comédia humana, em que (na qual) nada é eterno.

11. Quite e Quites

São adjetivos, portanto concordam com o substantivo ou com o pronome ao qual estão ligados.

Estou quite com você.

João e Maria estão qutes com a receita federal.

12. Todo

O pronome **todo**, quando acompanhado de artigo, particulariza o objeto; sem o artigo, generaliza-^o

Todo o livro é perfeito. (significa que o livro a que me refiro é perfeito do princípio ao fim).

Todo livro traz sempre algum benefício ao leitor. (significa “qualquer livro”)

13. À medida que ou na medida em que

A primeira expressão dá idéia de proporção e a segunda de causa.

Você vai melhorar **à medida que** (à proporção que) for tomando esse remédio.

O Brasil será um país desenvolvido **na medida em que** (uma vez que) resolver seus problemas sociais.

14. Ao encontro de ou de encontro a

A expressão “ao encontro de” significa no mesmo sentido.

A expressão “de encontro a” significa em sentido oposto.

Incorreto: Ao fazer uma ultrapassagem, o caminhão veio ao encontro do ônibus. O acidente deixou um saldo de onze feridos.

Correto: Ao fazer uma ultrapassagem, o caminhão veio de encontro ao ônibus. O acidente deixou um saldo de onze feridos.

Incorreto: O Presidente da República tomou medidas que vieram de encontro aos anseios dos banqueiros, que lhe garantiram total apoio a sua candidatura à reeleição.

Correto: O Presidente da República tomou medidas que vieram ao encontro dos anseios dos banqueiros, que lhe garantiram total apoio a sua candidatura à reeleição.

Exercícios de aplicação:

Empregue **todo** ou **todo o** (e suas variantes):

1. _____ eleitorado compareceu às urnas.
2. _____ povo elege seus governantes pensando no futuro.
3. _____ que estavam no local tiveram de prestar depoimento.
4. O homem sai _____ dia bem cedo na esperança de conseguir um emprego.
5. Não conheço _____ Nordeste, apenas Bahia e Rio Grande do Norte.
6. O professor ficou satisfeito com _____ turma.

7. Isso acontece em _____ país preocupado com a infância.
8. _____ vestibular deveria ter redação.
9. Ficou _____ manhã de ontem esperando o carteiro.
10. Ele empregou _____ energia que tinha para conseguir o emprego.

Assinale a resposta adequada:

11. Esqueci o caderno em casa, (onde/ aonde/ em que) havia copiado os exercícios.
12. Viajei para uma cidade (onde/ aonde) não havia cinema.
13. Pedro e Paulo estão (quite/ quites) com o setor financeiro.
14. Foi aprendendo (à medida que/ na medida em que) estudava.
15. Vamos seguir o regulamento (à medida que/ na medida em que) ele foi aprovado.
16. Paulo tomou medidas que foram (ao encontro das/ de encontro às) necessidades de saneamento financeiro da empresa, por isso ele foi promovido de cargo.
17. Carlos disse coisas que foram (ao encontro das/ de encontro às) propostas da gerência, por isso ele foi demitido.

15. Acentuação Gráfica

15.1. Categorias de palavras quanto ao acento tônico:

Oxítonas: palavras cuja sílaba tônica é a última.

Exemplos: funil, parabéns, rapaz, saci.

Paroxítonas: palavras cuja sílaba tônica é a penúltima.

Exemplos: escola, retorno, bisteca, amável.

Proparoxítonas: palavras cuja sílaba tônica é a antepenúltima.

Exemplos: lâmina, público, paralelepípedo.

15.2. Normas vigentes de acentuação gráfica:

a) Acentuam-se as MONOSSÍLABAS tônicas terminadas em:

A(S): cá, dá, gás, más, pás.

E(S): crê, dê, lê, ré, pé.

O(S): dó, nó, pó, só.

Observação: são também acentuadas as formas verbais terminadas em A, E, O tônicas, seguidas de LO(S), LA(S).

Exemplos: dá-lo, vê-lo, pô-los.

b) Acentuam-se as OXÍTONAS terminadas em:

A(S): cajá, Pará, atrás.

E(S): café, sapé, português, freguês.

O(S): paletó, cipó, dominó, avô.

EM(ENS): também, ninguém, vinténs, Jerusalém, além.

Observação: são também acentuadas as formas verbais terminadas em A, E, O, tônicas, seguidas de LO(S), LA(S).

Exemplos: repecurá-la, vendê-la, compô-lo.

c) Acentuam-se as PAROXÍTONAS terminadas em:

L: ágil, amável, têxtil, horrível, túnel, volúvel.

N: éden, hífen, pólen, sêmen, Nélon, Wílson.

R: caráter, revólver, éter, açúcar, repórter.

X: tórax, ônix, Félix, látex.

PS: bíceps, fórceps, Quéops.

Ã(S): ímã, órfã.

ÃO(S): órfão, bênção, sótão.

I(S): júri, cáqui, táxi, lápis, grátis.

ON(S): próton, elétrons, nêutrons.

OO(S): abençoô, corôo, vôo, vôos.

UM(UNS): médium, álbum, memorândum.

US: bônus, vírus, Vênus.

DITONGOS: Áurea, azáleas, calvície, pátios, lábios, boêmia, árduo, Páscoa, espécie.

d) Acentuam-se todas as palavras PROPÁROXÍTONAS.

Exemplos: árvore, biológico, mesóclise, sinédoque.

e) Acentuam-se os DITONGOS ABERTOS tônicos:

ÉI: anéis, atéia, européia, assembléia, estréia, idéia.

ÉU: céu, troféu, mausoléu, véu.

ÓI: heróico, jibóia, faróis, corrói, jóia.

f) Acentuam-se o I e o U, como segunda vogal tônica dos HIATOS, quando formam sílabas sozinhas ou com S e não seguidas de NH.

Exemplos: ruína, raízes, países, egoísmo, saída, suíço, ateísmo, Jaú, Jacareí, Pirajuí, baú, baús, viúvos, reúne.

Observação: não se deve acentuar, portanto: raiz, ruim, rainha, moinho, tainha, ainda, juiz, Coimbra, ruindade, Raul, cair, cairdes.

g) Emprega-se o acento diferencial nas seguintes palavras:

pôde (passado) / pode (presente)

pôr (verbo) / por (preposição)

pára (verbo) / para (preposição)

côa(s) (verbo) / coa(s) = com a(s)

pêra (substantivo) / pera (preposição)

pólo (substantivo) / polo (contração arcaica)

pêlo (substantivo) / pelo (contração)

péla (verbo e substantivo) / pela (contração)

pélo (verbo) / pelo (contração)

h) Acento em formas verbais:

ele tem / eles têm

ele vem / eles vêm

ele crê / eles crêem

ele dê / eles dêem

ele lê / eles lêem

ele vê / eles vêem

ele intervém / eles intervêm

ele mantém / eles mantêm

Aplica-se a mesma regra para os verbos derivados de crer, dar, ler e ver.

Exemplos: descrever, reler etc.

i) Emprega-se o TREMA nos grupos GÜE, GÜI, QÜE, QÜI, desde que o U seja pronunciado e átono.

Exemplos: freqüência, eloqüência, freqüente, seqüestro, tranqüilo, eqüino, agüentar, lingüiça.

Observação: se o U for pronunciado e tônico, teremos averigüe, argúi, obliqüe.

Exercícios de aplicação

Coloque o acento gráfico na palavra, quando necessário:

Armazem / análise / heroísmo / heroi / heroico / Itu / canjica / estaríamos / item / caju / caja / peru / delirio / saude / cafe / cafezinho / juri / comessemos / persistencia / misterio / reporter / reportagem / cocaina / tres / fez / mas / porem (conjunção) / tupi / por (verbo) / por (preposição) / paraíso / Aguai / ingles / ele vem / eles vem / ele tem / eles tem / Clovis / órgão / revolver / tambem / lider / liderança / rubrica / atribua / atribuiu / analisar / historia / atraves / talvez / so / sozinho / somente / silencio / diferença / cadaver / tatu / nuvem / açúcar / feliz

16. Regência Verbal

16.1. Tipos de Verbos:

16.1.1. Verbo Intransitivo: é aquele que, na frase, não vem acompanhado de objeto.

Durvalina canta e Benedito samba.

Os verbos “cantar” e “sambar” expressam de modo completo as atividades atribuídas aos seus respectivos sujeitos.

16.1.2. Verbo de Ligação: é aquele que liga o sujeito ao predicativo sem possuir um sentido definido e autônomo. São verbos habitualmente de ligação: ser, estar, ficar, parecer, permanecer, continuar, tornar-se, como ainda outros mais que substituam alguns dos mencionados.

Maria continuava indiferente.

Meu tio sempre anda (= está) doente.

16.1.3. Verbo Transitivo: é aquele que, na frase, vem acompanhado de objeto.

Objeto é o ser em que termina ou para o qual se dirige a ação verbal que parte do sujeito.

Verbo Transitivo Direto: se o verbo transitivo não exigir preposição para se ligar ao seu objeto, chamado por isso de objeto direto.
O pedreiro construiu a casa.

Verbo Transitivo Indireto: se o verbo transitivo exigir preposição (a, de, em, por etc.) para se ligar ao seu objeto, chamado por isso de objeto indireto.
Aquele motorista obedece aos sinais de trânsito.

Verbo Transitivo Direto e Indireto: é aquele que vem acompanhado de dois complementos, chamados de objeto direto e objeto indireto.
Joaquim ofereceu rosas vermelhas à namorada.
Objeto direto é “rosas vermelhas”; objeto indireto é “à namorada”.

16.2. Regência de Alguns Verbos

Aspirar

a) Verbo Transitivo Direto quando usado no sentido de sorver, tragar (ar, perfume, pó).

Há máquinas que aspiram o pó do assoalho.

b) Verbo Transitivo Indireto (emprega-se a preposição “a”) na acepção de desejar, pretender.

Aspirava a uma posição mais brilhante.

Observação: Nesse sentido o verbo aspirar não se constrói com os pronomes lhe, lhes, mas sim com as formas retas regidas de preposição.

Não invejo essas honrarias nem aspiro a elas.

Assistir

a) Transitivo Direto ou Indireto indiferentemente quando significa prestar assistência, confortar, ajudar, proteger, servir.

O médico assiste o doente.

As enfermeiras assistem aos doentes.

b) Transitivo Indireto (prep. “a”) no sentido de presenciar, estar presente a.

Pedro assistia à televisão.

Maria assistia ao filme.

Confiar

Verbo Transitivo Indireto, é acompanhado da preposição “em”.

A marca em que o mundo confia.

Contribuir

Verbo Transitivo Indireto.

“Para” indica o destinatário da contribuição.

“Com” indica o instrumento da contribuição.

Você não contribui para as obras assistenciais da igreja?

Eu contribuí com cem reais.

Desculpar

A pessoa se desculpa por alguma coisa.

Errado: Desculpe a nossa falha.

Certo: Desculpe-nos pela falha.

Esquecer e Lembrar

Há duas possibilidades de construção para a oração em que esses verbos aparecem.

Eu esqueci seu nome.

Eu me esqueci de seu nome.

Eu não lembro o seu nome.

Eu não me lembro do seu nome.

Implicar

É Verbo Transitivo Direto na maior parte das vezes em que é utilizado.

A vitória do Brasil implica a sua classificação.

O discurso do presidente implica o recrudescimento da violência.

A criação artística implica muita dedicação.

Somente quando o verbo é transitivo direto e indireto é que exige preposição.

Exemplo: João implicou Pedro no crime.

Informar

a) Informar alguém de que...

Informo V. Sa. de que sua proposta foi aceita.

b) Informar a alguém que...

Apenas lhe informamos que os bens de Domingos Leite haviam sido confiscados.

Preferir

Diz-se preferir uma coisa **a** outra (e não **do que** outra).

Prefiro um inimigo declarado a um amigo falso.

O prisioneiro preferiu a morte à escravidão.

Solicitar

Na acepção de pedir, rogar, pode-se dizer: "solicitar alguma coisa a alguém" ou "solicitar de alguém alguma coisa".

Solicitei **ao** (ou **do**) diretor o adiantamento de mil reais.

Visar

a) É Transitivo Direto quando empregado no sentido de apontar a arma contra e pôr o visto em.

Visei o alvo.

O banco visou o cheque.

b) Na acepção de ter em vista, pretender, rege objeto indireto (preposição **a**).

A que estariam eles visando com tanta agitação?

17. Crase

Em gramática normativa, a crase designa a contração da preposição **a** com:

a) O artigo **a** ou **as**.

Exemplo: Fomos à cidade assistir às festas.

Observação: a crase só pode ocorrer diante de palavras femininas.

Exemplos:

Assisti à regata internacional.

Fomos à praia de Copacabana.

Irei à (loja) do centro.

b) O **a** inicial dos pronomes aquele(s), aquela(s), aquilo(s).

Exemplo: Referiu-se àquele fato.

17.1. Casos em que se exclui a possibilidade do emprego da crase:

a) Antes de palavras masculinas.

João foi ao centro a pé.

b) Antes de verbos.

Prestações a partir de vinte reais.

c) Antes de pronomes indefinidos, tais como: alguém, ninguém, algo, outrem, quem, tudo, nada, nenhum etc.

Não devo nada a ninguém.

d) Antes da palavra “casa”, a não ser que venha determinada.

Maria Benedita veio à casa da prima.

e) Antes das palavras: cuja, quem, ela, esta, mim, V. Sa., V. Exa. , você etc.

Vamos assistir a esta partida.

Referiu-se a V. Sa..

Porém, usa-se crase antes de senhora, senhorita e dona, caso o verbo peça preposição.

Diga à senhora que iremos a sua casa amanhã.

f) Antes de artigos indefinidos.

Fomos a uma loja do centro.

g) Antes da palavra distância a crase só existe quando se trata de uma distância determinada.

Estava à distância de cem metros.

Fora atirado a distância.

h) Antes da palavra “terra” quando empregada para designar “terra firme”.

O navio chegou e o viajante se dirigiu a terra.

Deixei o barco e fui a terra.

Os astronautas chegaram à Terra (no sentido de planeta Terra).

Chegar à terra dos pântanos. (a terra está determinada).

i) Expressões formadas de palavras repetidas.

Estavam frente a frente.

Caminhavam lado a lado.

17.2. Expressões Adverbiais:

a) Emprega-se a crase antes de expressões adverbiais de tempo, intensidade, modo, lugar, finalidade etc., tais como: às vezes, à beça, às claras, à vontade, à vista, à toa, à noite.

João às vezes falta em dias de prova.

Luís gosta à beça de M.P.B..

O carro foi comprado à vista.

O objeto estava à margem.

Os sinos tocavam à missa.

b) Não se deve usar a crase antes de expressões adverbiais de instrumento.

Exemplos: a cavalo, a mão, a máquina.

17.3. Emprega-se o acento grave sobre o “a” nas expressões prepositivas constituídas de um substantivo feminino singular precedido de “a” e seguido de “de”.

Exemplos: à maneira de, à moda de, à roda de, à custa de, à sombra de, à luz de, à distância de, à vista de, à espera de, à força de etc.

Conseguimos vencer à custa de muito sacrifício.

Observação: em certos casos omite-se parte da locução, ficando o “à” diante de nome masculino.

Usava eu, então, cabelos revoltos à (maneira de) Castro Alves.

Jogar à (moda do) Corinthians.

17.4. Pode ocorrer ou não crase antes do pronome relativo **que**. Para descobrir se há ou não a crase, substitui-se o antecedente por um masculino. Se aparecer **ao** antes do **que**, haverá crase.

Idéia igual à que eu tenho. (pensamento igual ao que eu tenho).

A posição a que aspiramos é muito alta.

17.5. Não há crase antes de nomes de cidades.

Iremos a Curitiba.

Eu vou a Roma.

Mas quando o nome da cidade tiver um qualificativo, haverá crase.

Refiro-me à Lisboa de Camões.

17.6. Artifícios para confirmar a existência da crase:

I. À(s) + Nome Feminino = Ao(s) + Nome Masculino

Exemplo: A sentença foi favorável à ré. (A sentença foi favorável ao réu).

Porém, esta regra não deve ser aplicada quando se trata de nomes próprios.

II. À = Para a ou A = Para

Exemplo: Viajaremos à Europa. (Viajaremos para a Europa).

Exercícios de Aplicação

Assinale a forma correta:

1) Assistimos o/ ao jogo na casa de uma amiga. Festejamos a derrota do Palmeiras, que implicou em sua/ na sua/ sua desclassificação da Copa do Brasil.

2) O caixa visou o/ ao cheque com o qual João pagou a primeira parcela do carro que comprou à/ a/ ao crédito.

3) O garçom lhe/ o informa que não servem cafezinho nas mesas.

4) Joaquina visava a uma/ uma maior compreensão por parte de sua mãe.

5) O deputado aspirava a/ à concessão de um canal de televisão.

Complete os espaços com a preposição adequada quando for necessário.

6) O Plano Real implicou _____ redução da inflação.

7) Josefina aspirava _____ cargo de chefe de departamento.

8) Carlos solicitou _____ diretor o cancelamento de sua matrícula.

9) Paulo ansiava _____ sair com Josefina.

10) O guerrilheiro preferiu morrer _____ fugir como covarde.

11) As autoridades da embaixada visaram _____ passaporte.

12) É objetivo da presente solicitar _____ V. Sa. informações _____ a situação dessa praça.

Reescreva corretamente os períodos transcritos abaixo.

13) A princesa Stéphanie de Mônaco sorri ao assistir uma corrida de carros antigos. (*Folha de S. Paulo*, 21/9/96).

14) Ela ficou tão nervosa que desistiu de assistir o jogo na quadra. (*Folha de S. Paulo*, 21/9/96).

15) Nunca tenho certeza que vou ganhar. (*Folha de S. Paulo*, 21/9/96).

16) O árbitro diz ter recebido telefonemas de outros juízes lhe apoiando. (*Folha de S. Paulo*, 21/9/96).

17) Não penso que o fim do sistema soviético lhe surpreenderia. (*Folha de S. Paulo*, 07/6/98).

Coloque o acento indicativo de crase quando for necessário:

- 18) Algumas pessoas foram a igreja.
- 19) Alguns alunos se referiram a você.
- 20) Nas férias, irei a bela Blumenau.
- 21) Ninguém encontrou a saída.
- 22) Comprei um terreno a prazo.
- 23) Paguei o carro a vista.
- 24) Esta avenida é paralela a rua.
- 25) Não direi nada a Vossa Excelência.
- 26) A mulher fez elogios as filhas.
- 27) Envio esta mensagem a Vossa Senhoria.
- 28) A decoração era a Luís XV.
- 29) Amanhã iremos a uma festa.
- 30) Vamos assistir a novela das oito.
- 31) Todos disseram bom dia a senhorita que lhes cruzou a frente.

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

18. PRONOMES PESSOAIS:

<i>Retos</i>	<i>Oblíquos Átonos</i>	<i>Oblíquos Tônicos</i>
Singular		
Eu	Me	Mim, comigo
Tu	Te	Ti, contigo
Ele, ela	Se, lhe, o, a	Si, consigo
Plural		
Nós	Nos	Conosco
Vós	Vos	Convosco
Eles, elas	Se, lhes, os, as	Si, consigo

18.1. PRONOMES PESSOAIS ÁTONOS:

Incorporam-se foneticamente ao verbo, formando com este uma só palavra. Segundo sua posição junto ao verbo podem ser:

- a) PROCLÍTICOS: quando antepostos ao verbo. Exemplo: Não a louvo.
- b) MESOCLÍTICOS: quando intercalados no verbo. Exemplo: Dar-te-ei tudo.
- c) ENCLÍTICOS: quando pospostos ao verbo. Exemplo: Acompanhe-o.

18.2. A PRÓCLISE é usada:

a) Quando o verbo vier precedido de palavra ou expressão de sentido negativo, tais como: não, nunca, nem, nenhum, ninguém, de modo algum, em hipótese alguma etc.

Não o maltrates. Ninguém lhe resiste. Nada a perturba.

b) Se o verbo vier precedido de pronomes relativos, tais como: quem, qual, que, cujo, onde, quanto.

Sonhos que se vão.

c) Pronomes indefinidos, tais como: alguém, quem, algum, diversos, qualquer, cada qual, algum outro, quem quer que etc.

Todos me invejam, porque elas me perseguem.

d) Conjunções subordinativas, tais como: quando, se, como, porque, que, enquanto, embora, logo que etc.

Há pessoas que nos querem bem. Embora se canse, vai sempre a pé.

e) Advérbios: talvez, ontem, aqui, ali, agora, pouco a pouco, de vez em quando, de súbito, sempre, bem, onde.

Sempre me lembro dele. Aqui se trabalha. De vez em quando nos chamavam.

f) Nas orações exclamativas cujo sujeito estiver anteposto ao verbo.

Deus o guarde! A terra lhe seja leve!

g) Nas orações exclamativas iniciadas por palavra ou expressão exclamativa.

Como te iludes! Quanto nos custa dizer a verdade!

h) Nas orações interrogativas iniciadas por uma palavra interrogativa.

Quando me visitas? Quem se apresenta?

18.3. A MESÓCLISE é usada:

a) A intercalação dos pronomes átonos dá-se exclusivamente no FUTURO DO PRESENTE e no FUTURO DO PRETÉRITO, desde que antes do verbo não haja, na oração principal, palavra que exija a próclise.

Seu pai far-me-ia um favor, se me ajudasse a educá-la.

b) Em caso algum se haverá de pospor o pronome átono ao FUTURO DO INDICATIVO.

Direi-lhe a verdade. (errado)

Dir-lhe-ei a verdade. (certo)

Aprontariam-se depressa. (errado)

Aprontar-se-iam depressa. (certo)

Observação: Havendo fator de Próclise, esta prevalece mesmo que o verbo esteja no futuro.

Não nos entregarão o prêmio a que fizemos jus.

Ninguém a ajudaria, pois ela era grosseira com todos.

18.4. A ÊNCLISE é usada:

a) No verbo que inicia o período, não sendo este verbo forma do futuro.

Encostou-se à porta e acendeu o charuto.

b) Com o verbo no gerúndio, não regido da preposição “em”.

Saiu, deixando-me à porta da escola.

Observação: se o gerúndio vier regido da preposição “em” ou modificado por um advérbio, terá lugar a Próclise.

Em se tratando de caso urgente, nada o retinha em casa.

Não o encontrando ali, voltou triste.

c) Nas orações imperativas afirmativas.

Procure suas colegas e convide-as para o jantar.

d) Nas orações coordenadas.

Vocês estudam ou divertem-se.

19. O Pronome SE

Pode ser:

a) Pronome reflexivo.

Forma os verbos reflexivos, nos quais os efeitos da ação verbal recaem sobre o sujeito operante. Exemplos:

O caçador feriu-se.

O condenado suicidou-se.

b) Pronome apassivador.

Apassiva o verbo e torna o sujeito paciente. Nesse caso apenas poderá ser empregado junto a verbo transitivo direto. O objeto direto da voz ativa será convertido em sujeito paciente (o sujeito que sofre o efeito da ação verbal na voz passiva). Há dois tipos de voz passiva:

- Voz Passiva Pronominal: Verbo Transitivo Direto + SE

Alugam-se quartos.

Maltrataram-se os presos.

Temia-se a conseqüência.

- Voz Passiva Analítica: Verbo Auxiliar + Particípio do Verbo Apassivado

Quartos são alugados.

Os presos foram maltratados.

A conseqüência era temida.

Observação: nos exemplos citados acima, se as orações forem escritas na voz ativa o sujeito será sempre indeterminado. No caso de o sujeito da voz ativa ser determinado, será mais adequada a construção da oração na voz passiva analítica. Nesse caso, o sujeito ativo irá se transformar no agente da passiva e o objeto direto da voz ativa será o sujeito paciente (o sujeito que sofre o efeito da ação verbal).

Voz Ativa: O corretor vende casas.

Voz Passiva Analítica: Casas são vendidas pelo corretor.

c) Índice de Indeterminação do Sujeito.

Quando o pronome SE acompanha verbos intransitivos, transitivos indiretos ou de ligação, cabendo-lhe a função de tornar vaga ou indeterminada a idéia do sujeito. O verbo fica, sempre, na terceira pessoa do singular.

Precisa-se de operários. (SE + verbo transitivo indireto)

Aqui se está sempre doente. (SE + verbo de ligação)

Trabalha-se com prazer. (SE + verbo intransitivo)

d) Parte integrante de verbos que exprimem sentimentos, mudança de estado, movimento, como *queixar-se, arrepender-se, alegrar-se, lembrar-se, afastar-se, converter-se* etc.

20. PRONOMES DE TRATAMENTO

São empregados no trato com as pessoas, ou familiarmente ou respeitosamente. De acordo com a pessoa a quem nos dirigimos empregamos as expressões de tratamento que seguem:

Vossa Santidade (V.S.), para o Papa.

Vossa Majestade (V.M.), Vossas Majestades (VV. MM.), para reis ou rainhas.

Vossa Alteza (V.A.), Vossas Altezas (VV. AA.), para príncipes ou princesas.

Vossa Eminência (V. Ema.), Vossas Eminências (V. Emas.), para cardeais.

Vossa Magnificência, para reitor de universidade.

Vossa Reverendíssima (V. Revma.), Vossas Reverendíssimas (V. Revmas.), para sacerdotes e outras autoridades religiosas do mesmo nível.

Vossa Excelência (V. Exa.), Vossas Excelências (V. Exas.), para altas autoridades.

Vossa Senhoria (V. Sa.), Vossas Senhorias (V. Sas.), para oficiais, funcionários graduados e, principalmente, na linguagem comercial.

Observações:

- Embora os pronomes de tratamento se refiram à segunda pessoa do discurso, exigem o verbo na terceira.

Vossa Majestade dá licença?

- O possessivo “Vossa” deverá ser substituído por “Sua”, quando a expressão de tratamento se referir à terceira pessoa (assunto).

“Pergunta-me V. Eminência se Sua Majestade, o rei Luís, esteve hoje em palácio. Confesso que não tenho a honra de ver Sua Majestade há pelo menos cinco dias...”

21. PRONOMES POSSESSIVOS

São aqueles que indicam posse com relação às três pessoas do discurso:

1ª pessoa do sing.: meu, minha, meus, minhas.

2ª pessoa do sing.: teu, tua, teus, tuas.

3ª pessoa do sing.: seu, sua, seus, suas.

1ª pessoa do plural: nosso, nossa, nossos, nossas.

2ª pessoa do plural: vosso, vossa, vossos, vossas.

3ª pessoa do plural: seu, sua, seus, suas.

22. PRONOMES DEMONSTRATIVOS

São aqueles que indicam o lugar ou a posição dos seres com relação às três pessoas do discurso.

a) ESTE, ESTA, ISTO devem ser empregados com referência ao que está no âmbito da pessoa que fala (eu ou nós). Relacionam-se com o advérbio “aqui” e com os possessivos “meu(s)”, “minha(s)”, “nosso(s)”, “nossa(s)”.

Este meu bigode, como me tem criado problemas.

Isto aqui, vejam bem, vai desaparecer de minhas mãos.

Observação: são empregados *este, esta, isto* quando apontamos o que se vai dizer imediatamente depois. Por essa razão, no começo de uma carta escreve-se: “Espero que *estas* linhas o encontrem gozando de paz e saúde...”

b) ESSE, ESSA, ISSO empregam-se com relação ao que está no âmbito da pessoa com quem se fala (tu, vós ou você, vocês). Relacionam-se com o advérbio “aí” e com os possessivos “teu(s)”, “tua(s)”, “vosso(s)”, “vossa(s)” e “seu(s)” (= de você(s)), “sua(s)” (= de você(s)).

Esse chapéu não cabe em tua cabeça, ó Manuel!

Essa papelada aí sobre sua escrivania, para que serve?

Observação: Empregam-se *esse, essa, isso* quando apontamos o que se acabou imediatamente de dizer. Por essa razão, ao final de uma carta escreve-se: “Despeço-me, desejando que essas palavras encontrem acolhida por parte de V. Sa.”.

c) AQUELE, AQUELA, AQUILO devem ser empregados com referência ao que está no âmbito da pessoa ou da coisa de quem ou de que se fala (ele(s) ou ela(s)). Relacionam-se com o advérbio “lá” e com os possessivos “seu(s)” (= dele(s)), “sua(s)” (= dela(s)).

Aqueles prédios, lá ao longe, pertencem ao Sérgio Naya?

Conheces aquilo que ele mostrou?

Observação: numa enumeração, referimo-nos ao elemento mais próximo com *este, esta, isto*; e ao anterior com *aquele, aquela, aquilo*.

Escrevi um romance e uma gramática: esta, há pouco tempo; aquele, em minha juventude.

23. PRONOMES INDEFINIDOS

São os que se referem à 3ª pessoa do discurso, apontando-a num sentido vago ou expressando quantidade indeterminada.

Exemplos: alguém, ninguém, algo, outrem, quem, tudo, nada, qualquer, todo, demais, nenhum, vários, mais etc.

Locuções pronominais: cada qual, cada um, quem quer que, seja quem for, a gente, qualquer um etc.

24. PRONOMES RELATIVOS

São os que representam nomes já mencionados anteriormente (tal nome se diz “antecedente” do pronome).

Exemplos: que, quem, qual, quais, cujo, cuja, onde, quanto, quanta.

a) O pronome relativo **que** pode referir-se:

- a um nome de coisa:

Há palavras que machucam.

- a um nome de pessoa:

João é um aluno que é muito dedicado.

b) O relativo **quem** vem sempre regido de preposição e, na língua moderna, refere-se exclusivamente a pessoas ou coisas personificadas:

São amiguinhas a quem quero bem.

c) **Cujo** (e suas flexões) é pronome adjetivo, indica posse, e equivale a *do qual*. O pronome **cujo** não deve vir acompanhado dos artigos “o” ou “a”, mas poderá vir antecedido de preposição.

O cavalo é um animal cujo pêlo é liso.

Ela é a garota por cujos olhos me apaixonei.

PS: As preposições são: a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, per, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

d) O relativo **o qual** (e flexões), principalmente quando regido de preposição, pode substituir o pronome *que*.

É um passado extinto e de que (ou do qual) ninguém se lembra.

Eis o magno problema por que (ou pelo qual) me bato.

Observações:

- Pela clareza, será usado **o qual** em vez de **que**, quando este vier distanciado do seu antecedente, ensejando falsos sentidos.

Visitei o sítio de uma prima, o qual ainda não conhecia.

- Certas preposições, tais como: *durante, segundo, perante* etc., repelem o relativo **que**, só admitindo **o qual**.

“Decorreram três meses, durante os quais fui à província vender parte da minha legítima paterna.” (Camilo Castelo Branco).

25. Emprego dos pronomes pessoais EU e TU; MIM e TI.

As formas pronominais **eu** e **tu** (somente estas) não podem vir precedidas de preposição, em função de complemento. Só podem figurar como sujeito. Como complemento empregamos **mim** e **ti** respectivamente. Exemplos:

Entre mim e ele

Entre ele e mim

Entre mim e ti

Sem você e mim

Sem elas e ti

Perante mim e vós

Contra os alunos e mim

Sobre mim e V. Sa.

De alguns e mim

Observação: pode ser, entretanto, que os referidos pronomes **eu** e **tu** apareçam como sujeitos de um verbo no infinitivo, embora antes deles exista preposição.

Não vás sem eu mandar.

O professor entregou o problema para eu examinar e apontar a solução.

Exercícios de Aplicação

Nos testes de 1 a 3 assinale a alternativa que apresenta erro de colocação pronominal:

1)a) () Deus te abençoe e te guarde, meu filho!

- b) () Quanto custou-nos renunciar!
- c) () Bons ventos o levem!
- d) () Ninguém o criticou, pois todos entenderam seu nervosismo.
- e) () Diante das dificuldades, retirava-se e deixava aos outros a responsabilidade que lhe cabia.

- 2)a) () Naquele momento, poucos mostraram-se felizes com a idéia.
- b) () Meu filho, lembre-se de seus deveres - disse a mãe.
- c) () Alguns se dirigiram à piscina, outros ao bar.
- d) () Quem de vocês me fará este favor?
- e) () Amanhã, dirigir-se-ão ao presidente para questioná-lo a respeito do novo imposto.

- 3)a) () Desesperado, deixou-se levar pelos conselhos irracionais.
- b) () Era-lhe impossível crer nas palavras alheias.
- c) () A moça lhe disse que não ajudá-lo-ia.
- d) () Em não se realizando o jogo, o tribunal decidiria a questão.
- e) () Muitos se predispunham a entregar-lhe o prêmio pela vitória.

4) Passe para a voz passiva:
A I.B.M. oferece empregos nesta agência.

5) Passe para a voz ativa:
Automóveis são vendidos pela Fiat.

6) Complete com este / esta, esse / essa, aquele / aquela:
João comprou um carro e uma moto: _____ de marca Yamaha,
_____ de marca Ford.

7) Use "eu" ou "mim":
O professor entregou o trabalho para _____. Ele disse para _____ fazê-lo sozinho.

- 8) Assinale a alternativa correta:
 - a) () As pesquisas mostram a tendência do eleitorado, as quais estão mais inseguro.
 - b) () As pesquisas mostram a tendência do eleitorado, o qual está mais inseguro.
 - c) () As pesquisas mostram a tendência do eleitorado, o qual estão mais inseguras.
 - d) () As pesquisas mostram a tendência do eleitorado, as quais está mais inseguras.
 - e) () As pesquisas mostram a tendência do eleitorado, o qual estão mais inseguros.

Corrija, quando necessário, a colocação pronominal nas frases abaixo:

9) Me desculpei pela falta quando vi-o no corredor.

10) Me sinto bem quando encontro-a em meu caminho.

11) Saiu, me deixando à porta do colégio.

12) Mal viam-se as luzes da cidade sob a neblina.

13) Vossa excelência deve apresentar o vosso projeto.

14) O que Vossa Excelência pensam dos que vos criticam?

Corrija, quando necessário, os pronomes utilizados nas frases abaixo:

15) Você sabe que quem te conhece, não vos esquece jamais.

16) Prezado diretor, não se esqueça de levar contigo as notas fiscais.

17) Levávamos muitos mapas com nós.

18) O chefe terá de optar entre você e eu.

Corrija, quando necessário, os pronomes relativos utilizados nas frases abaixo:

19) Existe um tipo de conflito entre pai e filho, onde o filho se espelha nas atitudes do pai.

20) Um pobre, onde passa horas na fila de um posto de saúde.

26. CONCORDÂNCIA NOMINAL

Regra geral: o adjetivo concorda em gênero e número com o substantivo de que depende.

Exemplos: menino esperto, meninos espertos, menina esperta, meninas espertas.

Casos particulares:

26.1. As mulheres devem dizer **muito obrigada, eu mesma, eu própria.**

26.2. **Anexo, incluso, apenso**, adjetivos, devem variar.

Remeto-lhe, anexa, a conta.

Anexa, segue a conta.
Os documentos anexos devem ser arquivados.

26.3. Meio

Como **adjetivo**, modificando um substantivo, deve concordar: meio limão, meia laranja, meio-dia.

Como **advérbio**, modificando o adjetivo, permanece invariável: a porta está meio aberta.

Meio usado com relação a horas, formas corretas: é meio-dia; é meio-dia e vinte; é meia-noite e meia.

26.4. Entrada é proibido - A entrada é proibida

Quando o sujeito do verbo “ser” é tomado em sua generalidade, sem qualquer determinante, o adjetivo que está na função de predicativo permanece neutro (forma do masculino).

Pimenta é bom para tempero.

Entrada é proibido.

Paciência é necessário.

Entretanto, se o substantivo, na função de sujeito, vier determinado, a concordância do predicativo será regular.

Pimenta é bom para tempero, mas esta pimenta não é boa para nada.

A entrada é proibida.

26.5. Bastante

Quando for adjetivo é possível a sua substituição por “muitos” (caso esteja sendo empregado no plural), faz a concordância com o substantivo ao qual está ligado.

Há bastantes exercícios para eu fazer.

Quando for advérbio não varia, mesmo que esteja ligado a uma palavra (verbo ou adjetivo) usado no plural; só será possível sua substituição por “muito”.

As portas estão bastante abertas.

27. CONCORDÂNCIA VERBAL

Regra geral: o verbo concorda com o sujeito em número e pessoa. Concordar significa que o termo subordinado (o verbo) ajusta suas flexões de número e pessoa ao número e pessoa do termo subordinante (o sujeito).

Exemplos: eu estudo, tu estudas, nós estudamos etc.

27.1. Coletivos

O coletivo é singular na forma (povo, exército, rebanho, grupo, turma etc.), mas expressa idéia de pluralidade.

- O verbo ficará no singular se estiver junto do sujeito coletivo.

O povo aplaudia o orador.

- Se o verbo estiver distanciado do sujeito coletivo, ficará no singular ou irá para o plural conforme se pretender destacar mais a idéia de todo (singular) ou a

presença dos indivíduos (plural). Gramaticalmente, as duas concordâncias são corretas.

O grupo se afastou; mais adiante, porém, foram presos (ou foi preso).

27.2. “Quem” (pronome relativo)

O pronome relativo “quem” é de terceira pessoa do singular, mas substitui também o antecedente que pode ter outra pessoa. Por isso, o verbo que tem como sujeito o relativo “quem” tanto pode ficar na 3ª pessoa do singular, como concordar com a pessoa do antecedente.

Agora sou eu quem fala (ou quem falo).

27.3. “Que” (pronome relativo)

Se o sujeito é o pronome relativo “que”, o verbo concorda com o antecedente do relativo.

Fui eu que falei a verdade.

Não fui eu que fiz.

27.4. Verbo HAVER (pessoal)

“Haver”, empregado pessoalmente, ou seja, com sujeito, tem vários sentidos:

a) Ter, possuir.

Embora houvesse numerosa família, ainda sustentava cinco cães famintos.

b) Alcançar, obter.

Talvez não tenhamos havido classificação suficiente para a aprovação.

c) Portar-se, proceder.

No jantar, o garoto se houve com muito pouca discrição.

d) Avir-se, entender-se.

Talvez ele ainda tenha de haver-se comigo; aí ajustaremos as contas.

e) Considerar, entender, julgar.

“Se houverdes que é fraqueza morrer em tão penoso e triste estado.” (Camões).

27.5. Verbo HAVER (impessoal)

“Haver”, empregado impessoalmente, ou seja, sem sujeito, é muito freqüente com o sentido de “existir”. Nesse caso, o verbo haver deve ser empregado sempre na terceira pessoa do singular.

Nas duas cabeças havia as mesmas idéias.

Há lugares. Haverá lugares. Houve lugares.

“As estradas, naquele tempo, deviam ser boas para isso, mas não tenho a certeza de que não houvesse estradas para o Japão.” (Camilo Castelo BRANCO. *Amor de Perdição*).

Observações:

- Essa concordância restringe-se ao emprego do verbo “haver”, se empregarmos o verbo “existir” a concordância se fará normalmente.

Quantos sonhos existiam na ingênua cabecinha.

Existem lugares.

- Se o verbo “haver” com o sentido de “existir” aparecer em locuções verbais, seu auxiliar (o primeiro verbo da locução) ficará na terceira pessoa do singular. Mas, nas locuções verbais em que o segundo verbo é “existir”, o auxiliar concordará regularmente.

Talvez devam existir seres estranhos em outros mundos.

Talvez deva haver seres estranhos em outros mundos.

Vão existir lugares.

Vai haver lugares.

27.6. Verbo HAVER quando indicar tempo decorrido permanece no singular, é considerado impessoal, equivale a “faz”.

Há anos fui visitar a cidade de meus avós.

Havia três anos que não ia a Bahia.

27.7. Verbo FAZER

Esse verbo deve permanecer na terceira pessoa do singular quando se refere a fenômenos atmosféricos ou ao tempo que passou. Torna-se um verbo impessoal, isto é, sem sujeito. E quando impessoal, o verbo “fazer” transmite aos auxiliares (nas locuções) sua impessoalidade. Daí os auxiliares devem permanecer na terceira pessoa do singular.

Faz dez anos que moro aqui.

Faz belas manhãs naquela ilha.

Devia fazer dez horas que o infeliz aguardava a namorada.

Pode fazer cinco anos que não vejo João.

27.8. Verbo SER (impessoal)

Esse verbo é impessoal quando empregado em frases que se referem a fenômenos atmosféricos ou indicam horas ou datas. Em tais casos concorda com o complemento, ou seja, com a palavra que se anexa a ele expressando o fenômeno ou o tempo.

Seria muito cedo. É noite escura. É uma hora. São duas horas. É um minuto para as três. Hoje é (ou são) 18 de maio. Hoje é dia dezoito de maio.

27.9. Verbo SER (com sujeito e predicativo de números diferentes)

Há duas tendências para a concordância do verbo “ser” nesse caso:

a) Tendência mais freqüente: colocar o verbo ser no plural.

Os Estados Unidos são um povo progressista.

A vida são as lutas de todos os dias.

b) Tendência menos freqüente: usar o verbo “ser” concordando sempre com o predicativo.

Os Estados Unidos é um povo progressista.

“Os Lusíadas” é um grande poema.

27.10. Cuidados que devem ser tomados com alguns verbos:

a) Incorreto: Se eu “ver” você por aí...

Correto: Se eu vir, revir, previr.

Da mesma forma: Se eu vier (de vir), convier; se eu tiver (de ter), mantiver; se eu puser (de pôr), impuser; se ele fizer (de fazer), desfizer; se nós dissermos (de dizer), predissermos.

b) Incorreto: Ele “intermedia” a negociação.

Mediar e intermediar conjugam-se como odiar.

Correto: Ele intermedeia (ou medeia) a negociação.

Remediar, ansiar e incendiar também seguem essa norma: Remedeiam, que eles anseiem, eu incendeio.

c) Incorreto: Ninguém se “adequa”.

Não existem as formas “adequa”, “adeqüe” etc., mas apenas aquelas em que o acento cai no “a” ou “o”: adequaram, adequou, adequasse etc.

Correto: Ninguém se adapta.

d) Incorreto: Evite que a bomba “expluda”.

Explodir só tem as pessoas em que depois do “d” vêm “e” e “i”: explode, explodiram etc. Portanto, não escreva nem fale “exploda” ou “expluda”, substituindo essas formas por rebente, por exemplo.

Correto: Evite que a bomba rebente.

e) Incorreto: Governo “reavê” confiança.

Correto: Governo recupera confiança.

“Reaver” segue haver, mas apenas nos casos em que este tem a letra “v”: reavemos, reouve, reaverá, reouvesse. Por isso, não existem “reavejo”, “reavê” etc.

f) Incorreto: A polícia “entreviu”.

Correto: A polícia interveio.

O verbo “intevir” conjuga-se como o verbo “vir”.

Outras formas: eu venho, intervenho; eu vim, intervimos; ele vem, intervém; ele veio, interveio; nós vimos, intervimos; nós viemos, intervimos; eles vêm, intervêm; eles vieram, intervieram.

Exercícios de Aplicação

1) Use “bastante” ou “bastantes”:

João tem _____ discos, mas as músicas não são _____ boas.

2) Faça a concordância verbal corretamente:

a) Os empregos indevidos da pontuação _____ (poder) interferir no sentido do texto.

b) Às vezes o uso inadequado de certos termos _____ (prejudicar) a clareza do sentido do texto.

c) Os policiais _____ (intervir) na discussão.

- d) “E na TV se você _____ (ver, no futuro do subjuntivo) um deputado em pânico...” (Caetano VELOSO. “Haiti”).
- e) Perdi o meu óculos / os meus óculos.
- f) O professor _____ (intervir) no debate.
- g) As pessoas _____ (ter) o costume de buscar soluções fáceis.
- h) Reunimos duas pessoas _____ (haver) tempos distantes.
- i) Não vamos a nossa cidade natal _____ (haver) cerca de oito anos.

3) O verso abaixo apresenta erro de Português? Justifique sua resposta. Até parece que só existe ele e você.

4) Faça corretamente a concordância:

a) Popular são os outros.

b) Graças a Deus não vai ser eu quem vai mudar.

c) Não foi eu que fez.

5) Diga se as concordâncias verbais abaixo estão corretas ou incorretas e justifique:

a) Consertam-se fogões.

b) Vende-se roupas.

c) Precisam-se de operários.

d) Assiste-se a novelas aqui em casa.

e) Antes do jogo, observaram-se cinco minutos de silêncio.

f) Compra-se carros.

g) Vende-se apartamento.

h) Alugam-se imóveis na praia.

i) Confiavam-se nos alunos.

j) Assistem-se a filmes.

k) Procura-se vendedores experientes.

6) Corrija as concordâncias nominais e verbais se forem necessárias, como também os pronomes relativos:

a) Maria disse a João:

_ Muito obrigado por haver enviado os recibos anexo ao relatório.

João lhe respondeu:

_ Obrigado você, que sempre se adequa tão bem às necessidades da empresa.

b) Já é meio-dia e meio e eles ainda não vieram. Devem haver muitas ruas congestionadas.

c) Foi uma longa conversa com a imprensa, onde o presidente disse que não vão haver reajustes nos preços das tarifas públicas.

d) Nesta época do ano fazem belas tardes ensolaradas. Já é sete horas e ainda está tão claro. Penso que já faziam cinco anos que eu não vinha à Bahia.

28. REGRAS DE PONTUAÇÃO

28.1. ASPAS

a) Usadas nas transcrições ou citações de frases alheias.

b) Para realçar títulos de obras ou publicações.

c) Para realçar palavras estrangeiras ou gírias.

28.2. DOIS PONTOS

a) Usados para anunciar uma citação.

b) Para indicar uma enumeração.

c) Para discriminar partes de um todo ou de uma série.

Há vários cômodos em uma casa: sala, quarto, cozinha, banheiro, escritório etc.

28.3. PONTO

É usado para encerrar frase.

28.4. PONTO E VÍRGULA

O ponto e vírgula denota sempre uma separação mais ampla que a vírgula, mas não a ponto de encerrar o período.

a) É empregado entre orações coordenadas que poderiam figurar em períodos separados, mas que convêm deixar no mesmo período por manterem unidade de

sentido, ou por terem diversos aspectos em comum (o mesmo verbo, o mesmo sujeito, o mesmo esquema estrutural etc.).

Sem virtude, perece a democracia; o que mantém o governo despótico ou tirânico é o medo; e a honra seria o substrato do princípio monárquico.

b) É empregado para separar enumerações longas dentro das quais existam vírgulas.

Os velhos, revivendo dias da mocidade; os jovens, cuja índole os inclina às diversões; e até os doentes, esquecidos dos seus achaques; todos pareciam loucos de alegria.

28.5. VÍRGULA

Não se deve empregar a vírgula para separar termos que mantêm entre si estreita ligação lógica, pois a vírgula apenas indica as separações breves de sentido entre termos vizinhos, as inversões e as intercalações. Seria, assim, grave erro colocá-la:

a) Entre sujeito e verbo.

Incorreto: A população que se encontra abaixo das condições mínimas de vida, tenta descobrir novas formas de conseguir rendimentos.

Correto: A população que se encontra abaixo das condições mínimas de vida tenta descobrir novas formas de conseguir rendimentos.

b) Entre o verbo e o complemento verbal (objeto direto ou objeto indireto).

Incorreto: O programa de renda mínima garante, condições de vida para a população carente.

Correto: O programa de renda mínima garante condições de vida para a população carente.

c) Entre o substantivo e o adjunto adnominal.

Incorreto: O primeiro, carro elétrico foi construído em 1970.

Observação: adjunto adnominal é o termo que modifica o sentido de um substantivo.

d) Como norma geral, não empregamos vírgula antes da conjunção aditiva “e”.

Exemplo: Maria estudou e fez esplêndidos exames.

A vírgula deve ser empregada para separar:

a) Vocativo.

Maria, por favor, traga os relatórios.

b) Aposto.

Sartre, o maior filósofo francês do século XX, é autor de vários romances e peças de teatro.

c) Adjunto Adverbial ou expressão circunstancial quando estão na ordem inversa ou ficam entre dois verbos.

No final do ano passado, em jantar de confraternização, conversamos com o gerente sobre a necessidade de remanejar pessoal para nossa filial em Manaus. Pudemos, finalmente, deixar aquela casa.

d) Elipse de verbo.

“Finalmente, vão os bons para o céu e os maus, para o inferno.” (Padre Vieira).

e) Expressões e palavras corretivas, explicativas, escusativas, que, por virem sempre intercaladas, devem ser colocadas entre vírgulas. Tais como: isto é, por exemplo, ou melhor, digo, ou seja, aliás etc.

Casamos, isto é, juntamos nossos sofrimentos.

f) Intercalações, por cortarem o que está logicamente ligado, devem ser obrigatoriamente colocadas entre vírgulas.

Não o direi, pensei comigo, a ninguém.

Mariana, ainda que submissa, não quis desta vez obedecer.

g) No período, empregamos vírgula entre as orações coordenadas assindéticas.

O palestrante calou-se, dobraram-se as pastas, voltamos para casa finalmente.

h) As conjunções coordenativas devem ser colocadas entre vírgulas quando intercaladas. Tais como: mas, porém, contudo, entretanto, não obstante, todavia, portanto etc.

O governo liberou as verbas, os trabalhos, porém, não prosseguiram.

i) Nas datas, o nome do lugar.

Campinas, 14 de janeiro de 2006.

j) A palavra POIS, há dois casos:

- Como conjunção explicativa: emprega-se a vírgula apenas antes.

Regra geral: nesse caso, é possível substituir “pois” por “porque”.

O exame era difícil, pois nem sequer havíamos estudado.

- Como conjunção conclusiva: o “pois” fica entre vírgulas.

Regra geral: nesse caso é possível substituir “pois” por “portanto”.

Está doente, não podendo, pois, viajar.

Exercícios de aplicação:

1) Reescreva o período utilizando adequadamente a pontuação:

João Havelange, é presidente da Fifa há seis mandatos recorde absoluto na entidade ele não descarta uma nova reeleição.

2) Pontue o seguinte texto:

O diretor de Recursos Humanos da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos declarou que não haverá demissões em massa neste mês.

3) Imagine que um soldado, prestes a ir para a guerra, recebeu o seguinte telegrama:

Irás Voltarás

Não Morrerás

Como ele poderia ser pontuado?

4) Pontue adequadamente os períodos abaixo:

a) Ultimamente o melhor programa humorístico do país tem o sido o jornal nosso de cada dia isto é o próprio dia-a-dia.

b) O gerente de vendas das Casas Pernambucanas será transferido de seção não poderá pois assumir esse compromisso.

c) As crianças viajarão hoje os adultos amanhã.

d) Natal capital do Rio Grande do Norte é uma linda cidade.

5) Ordene as frases abaixo e transforme-as num único período, usando a pontuação adequadamente.

a) A situação estava mais calma. Porém as pessoas continuavam assustadas.

b) Quando nossa situação ficou difícil. Eles nos abandonaram.

c) Conforme combinamos. A viagem será no segundo semestre.

d) A imagem introduz um novo elemento de persuasão. Conseguindo atingir pessoas de qualquer nível. Quando bem trabalhada. Num outdoor.

e) Dezenas de profissionais já trabalharam um sem-número de horas. Quando a notícia chega até nós. Seja pela televisão, rádio ou jornal.

f) As pessoas ficam meio perdidas. E digo que sou RP (relações-públicas). Como se estivessem diante de um extraterrestre. Quando me perguntam o que faço.

SEGUNDA PARTE

29. COMPREENSÃO DE TEXTO: PALAVRAS-CHAVE E IDÉIAS-CHAVE

As Palavras-chave

Ninguém chega à escrita sem antes ter passado pela leitura. Ler é compreender a forma como está tecido o texto. Ultrapassar sua superfície e inferir

da leitura seu sentido maior, que muitas vezes passa despercebido a uma grande maioria de leitores. Leitura e escrita complementam-se. Lendo textos bem estruturados, podemos apreender os procedimentos lingüísticos necessários a uma boa redação.

Numa primeira leitura, temos sempre uma noção muito vaga do que o autor quis dizer. Uma leitura bem feita é aquela capaz de apreender de um texto ou de um livro a informação essencial. Uma boa estratégia é buscar as palavras mais importantes de cada parágrafo. Elas constituirão as palavras-chave do texto, em torno das quais as outras se organizam e criam um intercâmbio de significação para produzirem sentidos. Elas constituem o alicerce do texto. A tarefa do leitor é detectá-las, a fim de realizar uma leitura capaz de dar conta da totalidade do texto.

Por adquirir tal importância na arquitetura textual, as palavras-chave normalmente aparecem ao longo de todo o texto das mais variadas formas: repetidas, modificadas, retomadas por sinônimos. Elas pavimentam o caminho da leitura, levando-nos a compreender melhor o texto. Além disso, fornecem a pista para uma leitura reconstrutiva porque nos levam à essência da informação.

As Idéias-chave

Muitas vezes temos dificuldades para chegar à síntese de um texto só pelas palavras-chave. Quando isso acontece, a melhor solução é buscar suas idéias-chave. Elas podem ser encontradas em cada parágrafo ou em um conjunto de parágrafos (quando tratam de um mesmo tópico). Nem sempre encontramos “uma frase pronta” no texto que expresse a idéia-chave. Nesse caso, dependerá da capacidade de síntese do leitor expressá-la a partir da compreensão de cada fragmento (parágrafo ou conjunto de parágrafos) de texto.

Exercício:

Leia atentamente o texto transcrito a seguir, “É possível estar mal e pensar direito?”, de Contardo Calligaris. Procure reconhecer suas **palavras-chave**, a **idéia-chave** de cada parágrafo, perceba também a estratégia argumentativa do autor.

É POSSÍVEL ESTAR MAL E PENSAR DIREITO? Contardo Calligaris

Uma das questões mais interessantes da psicologia das últimas décadas é a seguinte: em que medida o sofrimento psíquico de um sujeito deve ser relacionado com um defeito de sua percepção e de seu entendimento do mundo? Obviamente, a pergunta é relevante só quando o sofrimento é uma condição severa e duradoura.

Tomemos, por exemplo, a depressão, um estado patológico que, em princípio, não nos torna delirantes nem alucinados. “Ser” depressivo (diferentemente de “estar” deprimido) significa passar ao longo da vida, por vários episódios de depressão profunda e sofrer de uma constante dificuldade em encontrar a vontade de viver.

Pois bem, será que ser depressivo implica (como causa ou como efeito) um erro de percepção e de pensamento? Qualquer terapeuta gostaria que fosse assim: bastaria corrigir o erro e, com isso, quem sabe a depressão fosse “curada”. Se você é depressivo e enxerga o mundo como a brincadeira sádica de um deus maléfico, talvez você seja vítima dessa visão “errada”. Ao corrigi-la com as palavras certas, a gente transformaria seu humor de vez, faria de você outra pessoa. Mas sobra a pergunta: será mesmo que, por você ser depressivo, sua percepção do mundo está errada?

Em 1979, foi publicada uma experiência (Abramson e Alloy, “Journal of Experimental Psychology”, vol. 108, nº 4), na qual dois grupos de sujeitos (os deprimidos e os “saudáveis”) deviam descobrir se suas ações tinham ou não alguma influência sobre uma lâmpada que, de fato, se acendia e apagava ao acaso. Os não-deprimidos, apesar dos desacertos, concluíram que suas ações eram eficazes. Os deprimidos concluíram (corretamente) que suas ações não tinham eficácia nenhuma e que não havia como fazer a cabeça da maldita lâmpada.

Para alguns críticos, a experiência demonstrava apenas o pessimismo dos deprimidos. Mas resta que, no caso, a conclusão dos deprimidos foi certa; portanto caberia salientar o extravagante otimismo que extraviou os não-deprimidos e constatar o realismo dos deprimidos. Aliás, a questão levantada pela experiência de 79 entrou para a história da psicologia como problema do “realismo depressivo” (há novas experiências publicadas no recente vol. 134 do “Journal of Experimental Psychology”).

O interesse desse debate não é só clínico. Acaba de sair um livro imperdível, “Lincoln’s Melancholy: How Depression Challenged a Presidente and Fueled His Greatness” (a melancolia de Lincoln: como a depressão desafiou um presidente e alimentou sua grandeza), de Joshua Wolf Shenk.

Shenk se baseia nos relatos dos que foram próximos de Abraham Lincoln para confirmar que ele foi clinicamente deprimido durante a vida toda. Logo, o autor se pergunta se essa depressão grave e crônica constituiu um impedimento ou se, ao contrário, foi uma vantagem na conduta do presidente americano durante a Guerra de Secessão.

Ora, Shenk argumenta de maneira convincente que a depressão de Lincoln foi responsável por suas qualidades de estadistas. A seguir, alguns exemplos:

- a) A depressão clínica é sempre acompanhada por um intenso processo de pensamento: reavaliação contínua da realidade, dúvidas sobre a ação certa, exame constante de consciência e por aí vai. Esse processo leva o sujeito a um conhecimento especial das contradições de sua própria alma e da dos outros. Na vida pública, isso permite negociar sem desprezo pela parte adversa.
- b) O deprimido que ultrapassa suas crises sem sucumbir tem, em regra, a coragem e a capacidade de encontrar motivações sem recorrer a grandes princípios (o que pediria um entusiasmo que é impossível na depressão). Lincoln, embora convencido de que a abolição da escravidão fosse moralmente correta, nunca invocou a certeza de que Deus estaria do seu lado, mas alegava (inclusive por escrito) que, quanto a Deus, cada lado podia considerá-lo como seu aliado. É uma

outra qualidade crucial pela vida pública, a não ser que a gente prefira entregar as rédeas do governo a iluminados e fundamentalistas.

- c) A adversidade, para o deprimido, é, por assim dizer, natural (nada existe sem antagonismo). Deparar-se com oposição e derrota é, para ele, uma travessia normal. O resultado é a perseverança.

Recentemente, uma psiquiatra (Kay Redfield Jamison, "*Touched with Fire: Manic Depressive Illness and the Artistic Temperament*", *tocados pelo fogo: a doença maniaco-depressiva e o temperamento artístico*) mostrou que uma cura apressada da depressão nos privaria de inúmeros talentos artísticos e literários. Shenk estende o mesmo princípio a uma figura política; ele mostra que, no caso de Lincoln, a depressão não foi "uma falha de caráter que desqualificaria a liderança de um sujeito". Longe de comprometer o pensamento e as decisões do presidente, ela foi o traço de caráter que fez dele o estadista lúcido e necessário num momento sombrio da história do país.

Em suma, muitas aventuras dolorosas da mente são partes da subjetividade de quem sofre e, às vezes, partes irrenunciáveis, cuja "cura" deixaria o mundo mais pobre e mais estúpido.

(in: *Ilustrada, Folha de S. Paulo*, 29/09/2005)

30. NÍVEIS DE LINGUAGEM

Quem determina as transformações lingüísticas é o conjunto de usuários, independentemente de quem sejam eles, estejam escrevendo ou falando, uma vez que tanto a língua escrita quanto a oral apresentam variações condicionadas por diversos fatores: regionais, sociais, intelectuais etc.

A língua escrita obedece a normas gramaticais e será sempre diferente da língua oral, mais espontânea, solta, livre, visto que acompanhada de mímica e entonação, que preenchem importantes papéis significativos. Mais sujeita a falhas, a linguagem empregada coloquialmente difere substancialmente do padrão culto, o que, segundo alguns lingüistas, criou no Brasil um abismo quase intransponível para os usuários da língua, pois se expressar em português com clareza e correção é uma das maiores dificuldades dos brasileiros.

Os níveis de linguagem são:

- a) A linguagem popular ou coloquial: É aquela usada espontaneamente pelo povo. Quase sempre é rebelde às normas gramaticais e carregada de vícios de linguagem (erros de regência e concordância, grafia e flexão; ambigüidade, cacofonia; pleonasmos viciosos), expressões vulgares e gírias (A gíria não é um nível de linguagem, não é linguagem popular, mas um estilo que se integra à língua popular. Nem todos que se exprimem através de linguagem popular usam gírias. A gíria relaciona-se ao cotidiano de certos grupos sociais. Ela pode acabar incorporada pela língua oficial, permanecer no vocabulário ou cair em desuso.
- b) A linguagem culta ou padrão culto: É aquela ensinada nas escolas e serve de veículo às ciências. É usada pelas pessoas instruídas das diferentes classes sociais e caracteriza-se pela obediência às normas gramaticais.

- c) A linguagem vulgar: É aquela ligada aos grupos extremamente incultos, aos analfabetos, aos que têm pouco contato com os centros civilizados. Ex: “nóis vai, ele fica”; “eu di um beijo nela”; “Vamo i no mercado”.
- d) A linguagem regional: regionalismos ou falares locais são variações geográficas do uso da língua padrão. Ex: falares amazônico, nordestino, fluminense, mineiro, sulino.

Exercícios:

1) Assinale a alternativa em que o emprego da palavra **nível** é adequado do ponto da norma culta da língua.

- a) A nível de partido esta será a decisão mais adequada.
- b) Nunca se viu tanta exploração política a nível de televisão brasileira.
- c) Há pessoas que apreciam mais o clima de cidades que se situam ao nível do mar.
- d) Este aparelho a nível de à vista compensa muito mais do que a nível de a prazo.
- e) Ao nível da Justiça, fraudar eleições é mais grave, do que roubar caminhões.

2) Assinale a única alternativa que segue os padrões da norma culta.

- a) “Alguns eu não me lembro. Graças a Deus tenho problemas de memória” (Monique Evans)
- b) “Há muito tempo, mas muito tempo mesmo, durante dois anos, eu fiz o trajeto Rio-São Paulo”. (Xênia)
- c) “Fornecemos a energia que as pessoas precisam para viver melhor. (Texto publicitário)
- d) “É proibido pisar na grama”. (Cartaz em praça pública)
- e) “O Felipe deixou ele ficar comigo”. (Vera Fischer)

31. COESÃO TEXTUAL

Quando escrevemos um texto, uma das maiores preocupações é como amarrar a frase seguinte à anterior. Isso só é possível se dominarmos os princípios básicos de coesão. A cada frase enunciada devemos ver se ela mantém um vínculo com a anterior ou anteriores para não perdermos o fio do pensamento. De outra forma, teremos uma seqüência de frases sem sentido, sucedendo-se umas às outras sem muita coerência.

A coesão, no entanto, não é só esse processo de olhar constantemente para trás. É também o de olhar para adiante. Um termo pode esclarecer-se somente na frase seguinte. Se minha frase inicial for *Maria tinha um sonho*, estou criando um movimento para adiante. Só vamos saber de que sonho se trata na frase seguinte: *Ele queria abrir uma empresa na área de turismo*.

Mas não basta costurar uma frase a outra para dizer que estamos escrevendo bem. Além da coesão, é preciso pensar na coerência. É possível escrever um texto coeso sem ser coerente. Por exemplo:

Os problemas de um povo têm de ser resolvidos pelo presidente. Este deve ter ideais muito elevados. Esses ideais se concretizarão durante a vigência de seu mandato. O seu mandato deve ser respeitado por todos.

Não faltam elementos coesivos nesse parágrafo. Mas qual é a idéia-chave da qual ele trata?

Alguns recursos de coesão:

a) Epítetos

São palavras ou frases que qualificam pessoas ou coisas.

Glauber Rocha fez filmes memoráveis. Pena que *o cineasta mais famoso do cinema brasileiro* tenha morrido tão cedo.

b) Termo-síntese

O país é cheio de entraves burocráticos. É preciso preencher um sem-número de papéis. Depois, pagar uma infinidade de taxas. Todas essas limitações acabam prejudicando o importador.

A palavra *limitações* sintetiza o que foi dito antes.

c) Pronomes

Vitaminas fazem bem à saúde. Mas não devemos tomá-*las* ao acaso.

O colégio é um dos melhores da cidade. *Seus* dirigentes se preocupam muito com a educação integral.

Há uma grande diferença entre Paulo e Maurício. *Este* guarda rancor de todos, enquanto *aquele* tende a perdoar.

d) Advérbios pronominais (aqui, ali, lá, aí)

Não podíamos deixar de ir ao Louvre. *Lá* está a obra-prima de Leonardo da Vinci: a "Monalisa".

e) Elipse

O ministro foi o primeiro a chegar. Abriu a sessão às oito em ponto e fez então seu discurso.

f) Repetição do nome próprio ou parte dele

Manuel da Silva Peixoto foi um dos ganhadores do maior prêmio da Loto. *Peixoto* disse que ia gastar todo o dinheiro na compra de uma fazenda e em viagens ao exterior.

g) Associação

Uma palavra retoma a outra porque mantém com ela, em determinado contexto, vínculos precisos de significação.

São Paulo é sempre vítima das enchentes de verão. Os *alagamentos* prejudicam o trânsito, provocando engarrafamentos de até 200 quilômetros.

Recomendações para garantir a coesão textual

1) Estructure o texto numa seqüência lógica.

- 2) Estabeleça relações entre frases e entre os parágrafos.
- 3) Faça uma revisão do texto: se houver necessidade, reescreva suas partes, altere suas posições para tornar o conjunto inteligível.
- 4) Ao fazer a revisão de seu texto, tente se colocar na posição de seus possíveis leitores, observe se a expressão de suas idéias está clara, de fácil compreensão, para o outro.

Faça uma reflexão sobre este pensamento de Millôr Fernandes, tente aplicá-lo ao redigir seus textos:

“Pra escrever bem não é preciso muitas palavras, só saber como combiná-las. Pense no xadrez.”

Exercícios de aplicação:

- 1) Identifique nos textos a seguir todos os termos que retomam as palavras em itálico:

Em outubro de 1839 *Paris* ainda possuía a mesma mística embriagadora que *Chopin* experimentara ao chegar lá em setembro de 1831. A ausência de 11 meses só servira para aumentar seu apaixonado fascínio pela magnífica metrópole espraiada ao longo das sinuosas margens do Sena. Paris havia-se tornado a amante de Chopin muito antes de ele conhecer *Mme. Sand* e durante vários anos subseqüentes suas afeições ficariam divididas entre as duas. Ambas o adoravam, do mesmo modo que eram, por sua vez, cultuadas por ele, e ambas eram essenciais à sua existência. Com a saúde debilitada, o jovem músico não podia sobreviver ao estímulo de uma sem o amparo da outra.

- 2) Identifique no texto a seguir todos os termos que retomam as palavras em itálico:

Um antigo morador de *São Cristóvão* contava que, na mocidade, viajara diariamente, na barca que fazia o trajeto entre aquela praia e o *cais Pharoux*, ou dos Franceses, como então se dizia, com *um adolescente aparentando treze ou quatorze anos*, magrinho, modesta mas limpamente vestido.

A barca vinha cedo para a cidade e voltava à tarde, conduzindo sempre os mesmos *passageiros*, gente que tinha emprego no centro. Como era natural, camaradagem se estabeleceu entre esses companheiros diários, todos conversavam para matar o tempo. Só o mocinho magro, sempre com um livro na mão, nunca dirigiu a palavra a ninguém. Mal se sentava, logo afundava na leitura e assim ia e voltava, parecendo ignorar os que o cercavam, sem levantar os olhos do livro, indiferente aos espetáculos da viagem, à beleza da baía, às embarcações que encontravam. Era Machado de Assis.

Afinal, a única informação segura, clara, que nos chega sobre o princípio da adolescência de Joaquim Maria é essa imagem. Com certeza, só sabemos que ia todas as manhãs, bem cedo, do seu bairro para o centro urbano.

(Lúcia Miguel Pereira)

- 3) Utilizando os recursos de coesão, substitua os elementos repetidos quando necessário:

Todos ficam sempre atentos quando se fala de mais um casamento de Elizabeth Taylor. Casadoura inveterada, Elizabeth Taylor já está em seu oitavo casamento. Agora, diferentemente das vezes anteriores, o casamento de Elizabeth Taylor foi com um homem do povo que Elizabeth Taylor encontrou em uma clínica para tratamento de alcoólatras, onde ela também estava. Com toda pompa, o casamento foi realizado na casa do cantor Michael Jackson e a imprensa ficou proibida de assistir ao casamento de Elizabeth Taylor com um homem do povo. Ninguém sabe se será o último casamento de Elizabeth Taylor.

4) Leia os textos a seguir e escreva os termos retomados pelas palavras em itálico. Distribua-os em duas colunas: **coesão dentro da frase e coesão entre as frases**.

Um gel desenvolvido por cientistas americanos para ajudar a cicatrização de ferimentos profundos e queimaduras graves representará o primeiro resultado comercialmente visível de uma nova geração de medicamentos. A *pomada cicatrizante*, *que* chegará às farmácias americanas até o início do próximo ano, será uma espécie de cola biodegradável, *cuja* função é juntar as células saudáveis em torno do ferimento, reconstituindo os tecidos em um tempo 30% mais rápido que qualquer outro remédio. Além disso, o *gel* elimina **toda** cicatriz. O *novo medicamento* é fruto do desenvolvimento de um dos ramos mais recentes da medicina, *o* que estuda a adesividade das células do corpo humano, a partir de uma constatação óbvia: os cerca de 100 trilhões de células *que* formam o organismo de uma pessoa podem ser comparados a tijolos de um edifício, *que* precisam estar devidamente unidos por camadas de *cimento*. Se o cimento é de má qualidade ou insuficiente, o prédio pode ruir. Da mesma forma, os *cientistas* trabalham agora com a certeza de que um “cimento biológico” dá estrutura ao corpo humano e o domínio *dessa substância* fará a medicina avançar a passos largos no combate a uma série de doenças.

Coesão dentro da frase:

que (que chegará) retoma...

cuja (cuja função)...

o (o que estuda)...

que (que formam)...

que (que precisam)...

dessa substância...

Coesão entre as frases:

pomada cicatrizante retoma...

gel...

novo medicamento...

cimento...

cientistas...

5) Justifique por que o autor do texto empregou o pronome indefinido “**toda** cicatriz”, em vez de “**toda a** cicatriz”?

Leia o texto transcrito a seguir, “O ‘princípio esperança’ e as utopias à moda da casa”, de Marcelo Coelho, para responder as questões seguintes:

O “PRINCÍPIO ESPERANÇA’ E AS UTOPIAS À MODA DA CASA

Marcelo Coelho

Mudar o mundo? No, thanks. Nunca mais. Sem chance. Nem pensar.

Frases curtas, de duas palavras, sem nenhuma explicação suplementar, parecem suficientes para exprimir o estado de espírito que predomina no Brasil – ou em qualquer outro país – depois de tantas utopias entrarem em descrédito.

Pode ser interessante, para quem quiser reanimar-se (ou desistir de vez), dar uma olhada no livro clássico de Ernst Bloch, “O Princípio Esperança”, cujo primeiro volume foi finalmente publicado no Brasil, pela Uerj, em parceria com a editora Contraponto.

Amigo desde a juventude de Georg Lukács (com quem mais tarde polemizaria apaixonadamente) e pensador com muitos pontos de contato com a Escola de Frankfurt (com Walter Benjamin em particular), Ernst Bloch (1885-1977) é certamente o mais romântico, o mais arrebatado e o menos “científico” dos marxistas.

“O Princípio Esperança” apresenta-se como um vasto tratado sobre a utopia, o sonho, o impulso de transformação. Publicado na Alemanha Oriental entre os anos de 1954 e 1959, ou seja, logo após a morte de Stálin e pouco antes da construção do Muro de Berlim, o livro nada tinha que agradasse aos burocratas do regime. Bloch acabou se mudando para a República Federal da Alemanha, onde sua obra malcomportada, vibrante e feérica haveria de inspirar os movimentos de contestação dos anos 60.

O gênio da lâmpada maravilhosa; a loja de móveis, com suas promessas de felicidade doméstica; Ulisses, Jasão, Colombo e quem quer que se lance em busca de um novo mundo. O circo, o parque de diversões, o teatro; as perspectivas azuladas da pintura renascentista; os prazeres do domingo num quadro de Seurat. As obras de Freud, Lênin, Mozart, Campanella. O Eldorado, a catedral gótica, as coleções de selos: tudo entra, tudo é admissível, tudo (quase tudo) é bem-vindo no gigantesco panorama construído por Bloch.

Trata-se de um daqueles livros que, assumindo a aparência de um tratado sistemático, deixam-se na verdade implodir pelo próprio conteúdo, caótico, agonístico, libertário. Cada página de “O Princípio Esperança” ferve de iluminações, enquanto sua estrutura conceitual vai sendo exposta com a lentidão de uma jamanta andando em círculos.

Dois conceitos aparecem a todo momento no livro e são, como se diz, “prenhes de significado” para a filosofia de Bloch: o “sonho diurno” e o “ainda-não-consciente”. Polemizando com Freud, e mais ainda com Jung, Bloch observa que “os seres humanos de forma alguma sonham apenas à noite. Também o dia possui bordas crepusculares, também ali os desejos se saciam.”. Acontece que,

diferentemente do sonho noturno, no sonho diurno podemos conduzir nossa fantasia; podemos, diz Bloch, “delirar, mas também ponderar e planejar”.

O inconsciente da psicanálise, por sua vez, funciona sempre como um repositório de lembranças passadas, como o subterrâneo, o subsolo de nossa morada mental. O “ainda-não-consciente” de Bloch corresponde ao futuro, é o “inconsciente do outro lado, do alvorecer para sempre”. Trata-se do “local psíquico do nascimento do novo”. O conceito não é dos mais inequívocos, mas ganha força quando Bloch o traduz numa metáfora; “o que o sujeito aqui fareja não é o bafio de porão, mas o ar da manhã”.

Seja qual for a solidez dos argumentos de Bloch, é irresistível a sua extravagância literária, a beleza “expressionista” de algumas passagens. Mesmo antes de se dar conta dos próprios desejos, diz Bloch, todo jovem sonhador gosta de contemplar o horizonte; a razão disso é que as nuvens nada mais são do que “os traços fabulares da natureza”.

O encanto do balé clássico, escreve Bloch num curioso excursão sobre a dança, está no que existe ali de “sofrimento elegante, júbilo frio”. Nada mais distante das exaltações do próprio autor, cujo otimismo leva até mesmo a elogiar os componentes utópicos da paranóia. Esta capaz “de novas composições, transformações do mundo, projetos que avançam, em suma, corujas de fogo de uma Minerva louca, mas cheia de vontade de fazer luzir a aurora”.

Para leitores que conheçam o terror stalinista de perto, essas passagens talvez tivessem conotações sinistras. Nada mais “*déjà vu*”, aliás, que as observações esparsas de Bloch contra o “decadente” modo de vida americano, em oposição às homenagens, obviamente contrafeitas, que o autor ainda dirige ao socialismo soviético. Mas o desastre dessas utopias de estado, sistemáticas, paranóicas e assassinas, paradoxalmente torna mais atual o livro de Bloch: seu livro põe em relevo uma esperança estilhaçada em mil situações diferentes, sem a necessidade de que se unifiquem numa ordem única.

Para Bloch, nenhum elogio dos “fatos”, da “realidade tal como ela é”, pode ser levado às últimas conseqüências; isto seria o equivalente à fixidez da morte. O real, porque está incompleto, exige nossa participação e nossos desejos. Por certo, podemos dizer que esse “princípio esperança” tem cada vez menos uma tradução política e institucional em sentido estrito.

O próprio Bloch, aliás, encontra-o em toda parte. Logo no início, ele cita o alvoroço das crianças dentro de casa, quando tocam a campainha. Já é a necessidade do novo, do diferente, de tudo aquilo que o futuro emite em nossa direção.

Haja otimismo. Na Alemanha Oriental, um toque de campainha poderia bem ser a visita da polícia política à procura de papai ou de mamãe. Aqui no Brasil, país de utopias menos sérias e de derrocadas sem tragédia, o toque do interfone não possui tais dimensões. Em geral, significa apenas a chegada do entregador de pizza.

(in: *Ilustrada, Folha de S. Paulo*, 07/09/2005)

6) A partir da leitura do texto *O “princípio esperança” e as utopias à moda da casa*, de Marcelo Coelho, publicado na *Folha de S. Paulo*, *Ilustrada*, de 07/09/2005,

identifique os termos que são retomados, **dentro do próprio parágrafo**, pelas palavras grifadas transcritas a seguir:

- a) parecem suficientes (2º p.):
- b) com quem (4º p.):
- c) o mais romântico, o mais arrebatado... (4º p.):
- d) o livro (5º p.):
- e) obra malcomportada (5º p.):
- f) são, como se diz, prenes de significado (8º p.):
- g) o subsolo de nossa morada mental (9º p.):
- h) O conceito (9º p.):
- i) a razão disso (10º p.):
- j) cujo otimismo (11º p.):
- k) dessas utopias de estado (12º p.):
- l) já é a necessidade do novo (14º p.):

7) A partir da leitura do texto *O "princípio esperança" e as utopias à moda da casa*, de Marcelo Coelho, publicado na *Folha de S. Paulo*, Ilustrada, de 07/09/2005, identifique os termos que são retomados, **do parágrafo imediatamente anterior**, pelas palavras transcritas a seguir:

- a) Amigo... (4º p.):
- b) Bloch (6º p.):
- c) livro (8º p.):
- d) Bloch (13º p.):
- e) necessidade do novo, do diferente, de tudo aquilo que o futuro emite em nossa direção (14º p.):

8) Qual a diferença entre os conceitos de sonho diurno e sonho noturno, de acordo com Bloch, e conforme apontada por Marcelo Coelho no 8º parágrafo de seu texto? Comente, com suas palavras, essas definições.

9) Qual a diferença entre o inconsciente da psicanálise e o “ainda-não-consciente” de Bloch, de acordo com o que aponta Marcelo Coelho no 9º parágrafo de seu texto? Comente, com suas palavras, essas definições.

32. EMPREGO DE CONECTIVOS

São usados como recursos coesivos que contribuem para estabelecer relações de coerência entre termos ou segmentos na construção de um texto. Portanto, os conectivos conferem unidade ao texto. Problemas no emprego dos conectivos podem dificultar a compreensão da idéia que se deseja expressar. Os conectivos estabelecem diversos tipos de relação entre as partes do discurso.

a) Servem para ACRESCENTAR idéias, argumentos: além de, além disso, ademais, e, ainda.

Além de sofrer com os constantes choques econômicos a que vem sendo submetida, a classe média vê-se forçada a expandir suas atividades para poder sobreviver.

b) Estabelecem relação de CONCESSÃO, de resignação: embora, não obstante, apesar de, ainda que, mesmo que, conquanto, por mais que, por menos que, se bem que.

Embora haja empenho das autoridades médicas em erradicar as doenças tropicais, estas continuam a fazer vítimas.

c) Estabelecem OPOSIÇÃO entre idéias: mas, porém, contudo, entretanto, todavia.

O ensino público vem apresentando gradativas melhoras, contudo, as escolas particulares ainda vêm apresentando melhor qualidade de ensino.

d) Servem para COMPLEMENTAR e CONCLUIR idéias: assim, dessa forma, portanto, logo, por conseguinte, por conseqüência.

As injustiças sociais são apontadas como a principal causa da violência. Assim, para combatê-la é preciso buscar a igualdade social.

e) Estabelecem relação de JUSTIFICAÇÃO, de EXPLICAÇÃO entre as idéias: pois, que, porque, porquanto.

O exame era difícil, pois nem sequer havíamos estudado.

Não crie caso, que estamos aqui para ouvi-lo.

f) Servem para ligar idéias que decorrem ao mesmo tempo, estabelecem relação de PROPORÇÃO: à medida que, à proporção que.

À medida que o professor falava, os alunos iam dormindo.

g) Estabelecem relação de CONDIÇÃO entre idéias: se, caso, salvo se, desde que, a menos que, sem que, contanto que.

O passeio será realizado, caso não chova.

h) Expressa circunstância de TEMPORALIDADE entre as idéias: quando, enquanto, apenas, mal, logo que, depois que, antes que, até que, que.

Quando a vejo, bate-me o coração mais forte.

i) Estabelecem relação de CAUSA entre as idéias: porque, visto que, porquanto, já que, como.

Como não estudou, foi reprovado.

Exercícios de aplicação

1) Reúna as diversas frases num só período por meio de conjunções e pronomes relativos. Faça as devidas alterações de estrutura.

a) O *camembert* é um dos queijos mais consumidos no mundo. Só se tornou popular durante a Primeira Guerra. Conquistou os soldados nas trincheiras.

b) Tratava-se de uma pessoa. Essa pessoa tinha consciência. Seu lugar só poderia ser aquele. Lutaria até o fim para mantê-lo.

c) Era um cais de quase dois quilômetros de extensão. Gostávamos de caminhar ao longo desse cais. O tempo era sempre feio e chuvoso.

d) Era um homem de frases curtas. A boca desse homem só se abria para dizer coisas importantes. Ninguém queria falar dessas coisas.

33. COERÊNCIA TEXTUAL

A coerência (do latim *cohaerentia*: o que está junto ou ligado) está relacionada à inteligibilidade do texto. Textos coerentes são resultado de um plano definido, que requer idéias ordenadas e ligadas de maneira clara e lógica. Sem coerência é impossível alcançar unidade: é preciso que as idéias se ajustem e se completem de maneira harmoniosa.

“A coerência seria a possibilidade de estabelecer, no texto, alguma forma de unidade ou relação. Essa unidade é sempre apresentada como uma unidade de sentido no texto, o que caracteriza a coerência como global, isto é, referente ao texto como um todo.” (Ingedore Villaça KOCH e Luiz Carlos TRAVAGLIA. *Texto e Coerência*, pp. 11-12).

Texto (do latim *textu*, tecido) significa, de acordo com o dicionário *Aurélio*, um “conjunto de palavras, de frases escritas”. Com base nisso, é preciso que se promova entre as partes do texto uma relação de dependência (as idéias ganham sentido de acordo com as relações que mantêm entre si e o texto). A unidade textual é indispensável à coerência.

Obstáculos à COERÊNCIA (devem ser evitados)

1) Presença de contradições entre frases ou entre parágrafos. Por exemplo, se você for defender, num texto, a total liberdade de expressão, não caberia apoiar medidas que propõem censura à televisão ou a qualquer outro meio de comunicação, isso resultaria em contradição.

2) Falta de encadeamento argumentativo: os argumentos precisam estar em harmonia entre si. Para garantir isso, você deverá selecionar adequadamente evidências, exemplos e justificativas a serem integrados em seu texto. Só há sentido em confrontar argumentos quando o objetivo é demonstrar que os argumentos que sustentam o seu ponto de vista são melhores que os opostos. Num texto dissertativo não cabe apresentar prós e contras em relação a um ponto de vista (isso pode resultar em contradições que impedirão o leitor de conhecer o real posicionamento do autor), pois supõe-se que o autor escreva para convencer o seu leitor de que a posição que defende é a melhor.

3) Circularidade ou quebra de progressão discursiva: a falta de idéias não raro leva à redundância - recurso que consiste em apresentar as mesmas idéias, mudando apenas as palavras. Dessa forma, o texto não progride, não avança. Deve-se, ainda, evitar o “vai-e-vem” (abordar um enfoque, interrompê-lo e voltar a abordá-lo noutra parágrafo). Esgote cada enfoque antes de passar ao seguinte.

4) Conclusão não decorrente do que foi exposto: é importante ordenar logicamente as idéias, encadeá-las coerentemente. Para tanto, não se pode perder de vista a idéia central do texto (em torno da qual todos os argumentos devem girar). Assim, à introdução segue-se o desenvolvimento, que por sua vez conduzirá a uma conclusão que esteja em consonância com o que foi defendido ao longo do texto.

Recomendações para garantir a coerência textual:

- 1) Organize suas idéias de forma lógica (sugestão: faça uso da “técnica da dúvida”).
- 2) Preocupe-se em combinar (relacionar) as partes do texto.
- 3) Evite repetir palavras e idéias - isso denota falta de reflexão e de domínio sobre o que está escrevendo.

34. NONSENSE – ORAÇÕES INCOMPLETAS

É um defeito muito freqüente em principiantes a utilização da subordinação, que, por sua estrutura, favorece à prolixidade. As orações subordinadas tornam o período longo e recheado de orações intercaladas que se envolvem e emaranham. Muitas vezes, acontece de o redator inexperiente perder a oração principal e a frase ficar incompleta em seu sentido.

Exemplo de frase incompleta:

Estando próximo de suas férias, por motivos óbvios e para tomar conhecimento dos fatos e viajar sossegado, pois nos anos anteriores viajara e ficara preocupado.

A frase está incompleta, pois lhe falta a oração principal.

Exemplo de frase completa:

Estando próximo de suas férias, o diretor recomendou que os relatórios lhe fossem enviados até 15 de dezembro.

No primeiro exemplo, o acúmulo de orações subordinadas fez o redator esquecer-se da oração principal. No segundo: à oração subordinada segue imediatamente a principal, o que favorece a compreensão.

A construção de períodos sem nexos sintático e sem sentido provém da omissão de uma das orações que compõem esses períodos. Isto quase sempre ocorre porque se esquece da oração principal, quando o período começa por oração reduzida. O comprimento do período e a intercalação de orações subordinadas fazem com que se perca o nexo sintático, e a construção fica mutilada.

Exemplo:

Chegada a tarde de domingo, quando todos já estavam cansados de tanto beber, em virtude da comemoração do aniversário do filho que fazia cinco anos e vivia feliz entre seus brinquedos.

É evidente que a frase não terminou, pois o redator se esqueceu da oração principal e colocou ponto final no período, deixando de dizer o mais importante, que poderia ser: *"a família dispersou-se e todos voltaram para suas casas"*.

Exercícios gerais de Aplicação

1) Por ser um conjunto de opiniões pessoais logicamente concatenadas, a redação deve ser precisa, rigorosa. Para despertar interesse, deve ser sugestiva e original. A vulgaridade é o nível em que a mensagem é só redundância.

Procure reescrever as frases abaixo de maneira adequada, eliminando possíveis redundâncias e vulgaridades ou completando as idéias expressas:

a) A incômoda e nociva poluição ambiental pode tornar o já problemático e atrasado Brasil uma terra inabitável.

b) "O mercado está passando por grandes transformações na área de cobrança. Os ativos em atraso, devido às altas taxas de juros, ao aumento do desemprego e, conseqüentemente, aos índices de inadimplência em níveis recordes.

c) A violência nos estádios começou a surgir feroz e impune, destruindo todo aquele sonho.

d) Havia recebido um envelope em meu nome e que não portava destinatário, apesar que em seu conteúdo havia uma folha em branco.

e) As pessoas mudam? Isso seria difícil dizer nos dias de hoje, pois mesmo com tantas informações nos dias de hoje, as pessoas ainda não conseguem perder o racismo.

No século XXI, não era por menos, a tecnologia tem avançado cada vez mais, não vendo limites para sua queda. O foco principal é perceber como o racismo ainda preocupa a sociedade, pois o racismo é algo muito mais complexo do que uma simples tecnologia, onde as pessoas continuam com suas mesmas culturas, mesmo tendo muito mais informações.

f) O nosso país, desde o começo da civilização, está cheio de raças, crenças e outras diversidades, mas ainda não conseguimos, sequer, aceitar nossas diferenças. Se pararmos para pensar, todos nós temos raízes mistas, seja africana, italiana, portuguesa, essa diversidade existe.

g) Atualmente, a população brasileira faz parte do 'vira-latismo' mundial de pessoas mestiças nascidas no Brasil.

2) Desfaça a ambigüidade nas frases seguintes:

a) Trouxe o remédio para seu pai que está doente dentro deste vidrinho.

b) Ladrões conseguem armas que só o Exército pode usar para roubar bancos.

c) Deveria sim, existir então um programa de cotas para pessoas carentes, e não negras.

3) Palavras colocadas em ordem diferente podem não ter exatamente o mesmo sentido. Exemplo:

Minha filha não vai a bailes.

Filha minha não vai a bailes.

Esclareça quais as diferenças de sentido que podem ser constatadas nas frases acima.

4) Reescreva as frases abaixo, eliminando o erro de Português que apresentam.

a) O Brasil vem tentando a anos ingressar no Primeiro Mundo.

b) As verbas destinadas ao social, sofrem manipulações.

c) O mito de Che Guevara foi de encontro aos anseios da juventude do final dos anos 60.

d) Os políticos recebem salários altíssimos, onde contrastam com o vergonhoso salário mínimo.

e) A miséria cuja qual o povo enfrenta é revoltante.

f) Vivemos num país cuja a população é heterogênea.

g) Os bancos internacionais que o Brasil é cliente estão aumentando as taxas de juros.

h) Os garotos que os pais desapareceram estão sob a proteção da Secretaria do Menor.

i) Bernardo sempre teve esse comportamento quando está entre pessoas desconhecidas.

j) Fica quase impossível se reunir numa sala para assistir um mesmo programa.

k) Depois de muita conversa convidei ela para jantar.

l) Tinha um complexo de inferioridade diante das pessoas muito grande.

m) Uma família de italianos muito grande nunca conseguiam reunir toda a família.

n) Identificou-se inúmeras mudanças nas características do produto.

5) Corrija o gerundismo nas frases abaixo:

a) Vou estar mandando a resposta na próxima semana.

b) Vamos estar citando as fontes bibliográficas.

c) Estaremos enviando o produto adquirido daqui a dois dias.

d) Vou estar transferindo a senhora para o departamento pessoal.

e) Peço à senhora estar remetendo os documentos para mim tomar as providências cabíveis.

f) “O primeiro-ministro é criticado por estar escondendo a cabeça na areia”. (*O Estado de São Paulo*, 18/12/2005)

6) A organização sintática dada a certos trechos exige do leitor um esforço desnecessário de interpretação. Abaixo você tem um exemplo disso:

“Ao chegar ao ancoradouro, recebeu Alzira Alves Filha um colar indígena feito de escamas de pirarucu e frutos do mar, que estava acompanhada de um grupo de adeptos do Movimento Evangélico Unido.” (*Folha de S. Paulo*, 12/02/92).

Reescreva o trecho, apenas alterando a ordem, de forma a tornar a leitura mais simples.

7) Às vezes, quando um texto é ambíguo, é o conhecimento que o leitor tem dos fatos que lhe permite fazer uma interpretação adequada do que lê. Um bom exemplo é o trecho que segue, no qual há duas ambigüidades, uma decorrente da ordem das palavras e a outra, de uma elipse de sujeito.

“O presidente americano (...) produziu um espetáculo cinematográfico em novembro passado na Arábia Saudita, onde comeu peru fantasiado de marine no mesmo bandeirão em que era servido aos soldados americanos.” (Veja, 09/01/91).

a) Quais as interpretações possíveis das construções ambíguas?

b) Reescreva o trecho de modo a impedir interpretações inadequadas.

c) Que tipo de informação o leitor leva em conta para interpretar adequadamente esse trecho.

8) Em uma de suas colunas, o ombudsman do jornal *Folha de S. Paulo* reproduziu um trecho de uma notícia do *Jornal do Brasil* e fez uma crítica ao título da mesma notícia. O título da notícia do *Jornal do Brasil* era: MULHERES CARDÍACAS TÊM MAIS CHANCE DE MORRER. A crítica dizia, simplesmente: “O JB de quarta-feira publicou título óbvio”.

Observe agora o começo da notícia publicada pelo JB: “WASHINGTON - As mulheres que se submetem à angioplastia têm 10 vezes mais probabilidade de morrer no hospital que os homens. A conclusão foi obtida num estudo...” (*Folha de S. Paulo*, 14/03/93).

a) Como o ombudsman da *Folha* leu a manchete do *JB*, para achar que ela diz o óbvio?

b) Qual a leitura da manchete que deve ser feita, com base no texto que a segue?

c) Por que a manchete do *JB* permite essas duas leituras?

9) No dia 19, Juscelino registrou a amargura que lhe dominava: “Não estou bem por dentro”, anotou. “Uma das razões que tornaram (sic) triste a longa permanência na fazenda é a ausência de alguns amigos.” (*O Estado de S. Paulo*, 14/03/96).

Usa-se *sic* entre parênteses, numa citação, para indicar que o texto original é aquele mesmo, por errado ou estranho que pareça.

a) Apresente uma justificativa para aceitar ou não o *sic* usado pelo autor do texto.

b) Há no texto uma construção que justifica o emprego do *sic*. Transcreva-a, aplicando o *sic* no lugar adequado.

10) “Cantor do Chili Peppers sofre acidente de moto
O vocalista do grupo norte-americano Red Hot Chili Peppers, Anthony Kiedis, 34, teve de ser operado em Los Angeles, Costa Oeste dos EUA, após fraturar o punho em um acidente de moto. O acidente aconteceu quando um automóvel que ia à sua frente fez uma manobra inesperada. O fato obrigou o grupo a cancelar shows no Havaí e no Alasca.” (*Folha de S. Paulo*, 18/07/97).

a) A que se refere o fato do último período?

b) Se o último período fosse “O fato obrigou o músico a jogar a moto contra um muro”, a que estaria se referindo o fato?

11) A *Folha de S. Paulo* de 29 de abril de 1997 anunciou o funcionamento do comércio e de outros serviços na cidade durante o feriado do Dia do Trabalho com a notícia abaixo:

“Lojas fecham 5^a e abrem domingo”

A leitura da manchete, se feita isoladamente, poderia levar a crer que as lojas ficariam fechadas por três dias. Escreva uma nova manchete desfazendo a possibilidade dessa leitura.

12) Dois adesivos foram colocados no vidro traseiro de um carro:
em cima:

Deus é fiel

e bem embaixo:

PORQUE PARA DEUS NADA É IMPOSSÍVEL

É possível ler os dois adesivos em seqüência, constituindo um único período. Neste caso,

a) o que se estaria afirmando sobre a fidelidade?

b) o que o dono do carro poderia estar querendo afirmar sobre si mesmo?

13) “Se, como diz o ditado, ter um é pouco e dois é que seria o bom, quando se trata do Trio Beaux Arts, os três são demais. No melhor sentido da palavra.” (*O Estado de S. Paulo*, 12/04/96).

a) Qual é o melhor sentido da palavra a que o autor se refere?

b) Qual o contra-senso que ele evitou, ao acrescentar a ressalva “no melhor sentido da palavra”?

35. FUNÇÕES DA LINGUAGEM

Ao elaborarmos um texto, precisamos ter em mente que estamos escrevendo para alguém. Seja um texto literário, acadêmico, publicitário, técnico ou comercial, a redação sempre apresenta alguém que escreve, o **emissor**, e alguém que o lê, o **receptor**. O que o emissor escreve é a **mensagem**. O elemento que conduz o discurso para o receptor é o **canal** (no nosso caso, o papel). Os fatos, os objetos ou imagens, os juízos ou raciocínios que o emissor expõe ou sobre os quais discorre, constituem o **referente**. A língua que o emissor utiliza (no nosso caso, a língua portuguesa) constitui o **código**.

Assim, através de um CANAL, o EMISSOR (codificador) transmite ao RECEPTOR (decodificador), em um CÓDIGO comum, uma MENSAGEM, que se reporta a um CONTEXTO ou referente.

A ênfase num elemento do circuito de comunicação determina a função da linguagem que lhe corresponde:

ELEMENTO	FUNÇÃO
Contexto	Referencial ou Informativa
Emissor	Emotiva
Receptor	Conativa ou Apelativa
Canal	Fática
Mensagem	Poética
Código	Metalingüística

Quando um poeta descreve a Lua, suas impressões se dispõem de maneira especial, conforme a subjetividade de suas sensações. Quando um cientista descreve o mesmo objeto, submete-o à interpretação informativa, impessoal e científica. Assim, a Lua, que para o poeta seria “uma inspiração romântica”, para o cientista é “o satélite natural de Terra”.

As funções da linguagem apontam o direcionamento da mensagem para um ou mais elementos do circuito da comunicação.

Qualquer produção discursiva, lingüística (oral ou escrita) ou extralingüística (pintura, música, fotografia, propaganda, cinema, teatro etc.), apresenta funções da linguagem.

Porém, raramente se encontram mensagens em que haja apenas uma função. Geralmente o que ocorre é uma hierarquia de funções em que predomina ora uma, ora outra função, havendo coexistência de funções. Observe este trecho:

“Escrever é triste. Impede a conjugação de tantos outros verbos. Os dedos sobre o teclado, as letras se reunindo com maior ou menor velocidade, mas com igual indiferença pelo que vão dizendo, enquanto lá fora a vida estoura não só em bombas como também em dádivas de toda natureza, inclusive a simples claridade da hora, vedada a você, que está de olho na maquininha. O mundo deixa de ser realidade quente para se reduzir a marginália, purê de palavras, reflexos no espelho (infel) do dicionário.” (Carlos Drummond de Andrade)

Temos, no exemplo acima, a função referencial (evidencia o assunto), a função metalingüística (volta-se para a própria produção discursiva), a função emotiva (revela emoções do emissor) e a poética (produz efeito estético através da linguagem metafórica).

Função Referencial

Certamente a mais comum e mais usada no dia-a-dia, a função referencial ou informativa, também chamada denotativa ou cognitiva, privilegia o contexto. Ela evidencia o assunto, o objeto, os fatos, os juízos. É a linguagem da comunicação. Faz referência a um contexto, ou seja, a uma informação sem qualquer envolvimento de quem a produziu ou de quem a recebe. Não há preocupação com estilo; sua intenção é unicamente informar. É a linguagem das redações acadêmicas, do discurso científico, do jornalístico e da correspondência comercial. Exemplo:

“Construído artificialmente há 30 anos para amenizar o clima seco de Brasília, servir de área de lazer e para a captação de água, o lago Paranoá está atualmente muito descaracterizado. O lago Paranoá soma 600 milhões de metros cúbicos de água.”

Função Emotiva

Quando há ênfase no emissor e na expressão direta de suas emoções e atitudes, temos a função emotiva, também chamada expressiva ou de exteriorização psíquica. Ela é lingüisticamente representada por interjeições, adjetivos, signos de pontuação - tais como exclamações, reticências - e agressão verbal (insultos, termos de calão), que representam a marca subjetiva de quem fala. Exemplo:

“Oh! como és linda, mulher que passas
Que me sacias e suplicias
Dentro das noites, dentro dos dias!”
(Vinícius de Moraes)

Observe que em “Luís, você é mesmo um burro!”, a frase perde seu caráter informativo (já que Luís não é uma pessoa transformada em animal) para o caráter emotivo, pois revela o estado emocional do emissor.

As canções populares amorosas, as novelas e qualquer expressão artística que deixe transparecer o estado emocional do emissor também pertencem à função emotiva. Exemplo:

“Sinto que viver é inevitável. Posso na primavera ficar horas sentada fumando, apenas sendo. Ser às vezes sangra. Mas não há como não sangrar, pois é no sangue que sinto a primavera. Dói. A primavera me dá coisas. Dá do que viver. E sinto que um dia na primavera é que vou morrer. De amor pungente e coração enfraquecido.”

(Clarice Lispector)

Função Conativa

A função conativa ou apelativa é aquela que busca mobilizar a atenção do receptor, produzindo um apelo. Pode ser volitiva, revelando assim uma vontade (“Por favor, eu gostaria que você se retirasse.”), ou imperativa, que é a característica fundamental da propaganda. Exemplos:

“Antônio, venha cá!”

“Compre um e leve três.”

“Beba Coca-Cola.”

“Se o terreno é difícil, use uma solução inteligente: Mercedes-Benz.”

Função Fática

Se a ênfase está no canal, para checar sua recepção ou para manter a conexão entre os falantes, temos a função fática. Nas fórmulas ritualizadas de comunicação, os recursos fáticos são comuns. Exemplos:

“Bom-dia!”

“Oi, tudo bem?”

“Ah, é!”

“Alô, quem fala?”

Observe os recursos fáticos que, embora característicos da linguagem oral, ganham expressividade na música:

“Alô, alô marciano

Aqui quem fala é da Terra.”

(Rita Lee & Roberto de Carvalho)

Atente para o fato de que o uso excessivo dos recursos fáticos denota carência vocabular, já que destitui a mensagem de carga semântica, mantendo apenas a comunicação, sem traduzir informação. Exemplo:

“_ Você gostou dos contos de Machado de Assis?

_ Só, meu. Valeu.”

Função Metalingüística

A função metalingüística visa à tradução do código ou à elaboração do discurso, seja ele lingüístico (a escrita ou a oralidade) ou extralingüístico (música, cinema, pintura, gestualidade etc. - chamados códigos complexos). Assim, é a mensagem que fala de sua própria produção discursiva. Um livro convertido em filme apresenta um processo de metalinguagem, uma pintura que mostra o próprio artista executando a tela, uma poesia que fala do ato de escrever, um conto ou romance que discorre sobre a própria linguagem etc. São igualmente metalingüísticos. Exemplos:

“_ Foi assim que sempre se fez. A literatura é a literatura, Seu Paulo. A gente discute, briga, trata de negócios naturalmente, mas arranjar palavras com tinta é outra coisa. Se eu fosse escrever como falo, ninguém me lia.”

(Graciliano Ramos)

“Lutar com palavras
é a luta mais vã
entanto lutamos
mal rompe a manhã.”

(Carlos Drummond de Andrade)

Em “Anuncie seu produto: a propaganda é a arma do negócio.”, temos a função metalingüística (a propaganda fala do ato de anunciar), a conativa (a expressão aliciante do verbo anunciar no imperativo) e a poética (na renovação de um clichê, conferindo-lhe um efeito especial).

Função Poética

Quando a mensagem se volta para os seus próprios constituintes, tendo em vista produzir um efeito estético, através de desvios da norma ou de combinatórias inovadoras da linguagem, temos a função poética, que pode ocorrer num texto em prosa ou em verso, ou ainda na fotografia, na música, no teatro, no cinema, na pintura, enfim em qualquer modalidade discursiva que apresente uma maneira especial de elaborar o código. Exemplos:

“Que não há forma de pensar ou crer,
De imaginar, sonhar ou de sentir,
Nem rasgo de loucura
Que ouse pôr a alma humana frente a frente
Com isso que uma vez visto e sentido
Me mudou, qual ao universo o sol
Falhasse súbito, sem duração
No acabar...”

(Fernando Pessoa)

“Sino de Belém pelos que inda vêm!
Sino de Belém bate bem-bem-bem.”

(Manuel Bandeira)

Exercícios de Aplicação

Reconheça nos textos abaixo as funções da linguagem.

1) O Verbo no Infinitivo

Ser criado, gerar-se, transformar
O amor em carne e a carne em amor; nascer
Respirar, e chorar, e adormecer
E se nutrir para poder chorar

Para poder nutrir-se; e despertar
Um dia à luz e ver, ao mundo e ouvir
E começar a amar e então sorrir
E então sorrir para poder chorar.

E crescer, e saber, e ser, e haver
E perder, e sofrer, e ter horror
De ser e amar, e se sentir maldito

E esquecer tudo ao vir um novo amor
E viver esse amor até morrer
E ir conjugar o verbo no infinito...
(Vinícius de Moraes)

2) “Para fins de linguagem a humanidade se serve, desde os tempos pré-históricos, de sons a que se dá o nome genérico de voz, determinados pela corrente de ar expelida dos pulmões no fenômeno vital da respiração, quando, de uma ou outra maneira, é modificada no seu trajeto até a parte exterior da boca.”
(Mattoso Câmara Jr.)

3) “O discurso comporta duas partes, pois necessariamente importa indicar o assunto de que se trata, e em seguida a demonstração. (...) A primeira destas operações é a exposição; a segunda, a prova.”
(Aristóteles)

4) “Olá, como vai?
Eu vou indo e você, tudo bem?
Tudo bem, eu vou indo pegar um lugar bo futuro. E você?
Tudo bem, eu vou indo em busca de um sono tranqüilo...”
(Paulinho da Viola)

5) “Fique afinado com seu tempo. Mude para Col. Ultra Lights.”

6) “Sentia um medo horrível e ao mesmo tempo desejava que um grito me anunciasse qualquer acontecimento extraordinário. Aquele silêncio, aqueles rumores comuns, espantavam-me. Seria tudo ilusão? Findei a tarefa, ergui-me, desci os degraus e fui espalhar no quintal os fios da gravata. Seria tudo ilusão?... Estava doente, ia piorar, e isto me alegrava. Deitar-me, dormir, o pensamento

embaralhar-se longe daquelas porcarias. Senti uma sede horrível... Quis ver-me no espelho. Tive preguiça, fiquei pregado à janela, olhando as pernas dos transeuntes.”

(Graciliano Ramos)

36. ELABORAÇÃO DE E-MAIL

Correio Eletrônico (e-mail)

Enfeite seu e-mail e quem o recebe imaginará que você está mais preocupado em impressionar que em ser eficiente. E-mails enfeitados são mais "pesados", demoram mais para abrir, usualmente tem leitura mais difícil (porque poucos têm boas noções de design), provocam reações na maioria das vezes negativas. Excelente mídia, o e-mail veio alterar significativamente o volume de mensagens escritas trocadas entre as pessoas, e pode fazer muito para a realização dos objetivos de um profissional, mas alguns cuidados têm de ser tomados para não transmitir má imagem por meio dele.

Por causa da ausência da tonalidade de voz e de expressões corporais que auxiliam na compreensão da forma em que o texto é expresso, existem diversos mal-entendidos, que podem ser evitados se algumas regras para a grafia de e-mails forem seguidas:

- a) **Assunto:** O campo assunto (ou *subject*) deve sempre estar preenchido, pois para uma pessoa que receba uma média diária acima de 50 mensagens, será muito mais fácil organizar-se e priorizar a leitura dos assuntos de maior interesse. Envie uma mensagem de acordo com o assunto abordado.
- b) **NÃO GRITE!** No envio de e-mails é muito comum o uso de textos escritos completamente com letras maiúsculas. Essa prática é incorreta, pois os e-mails devem ser escritos normalmente, combinando letras maiúsculas e minúsculas, como em um texto qualquer. Frases escritas completamente em letras maiúsculas só são aceitas em títulos, ênfases, avisos urgentes ou quando a intenção do remetente é realmente gritar; fora isso, poderá existir uma interpretação errada por parte do receptor e incidir em uma advertência ao remetente.
- c) **Texto dividido em blocos:** Procure, sempre que possível, dividir o texto da mensagem em blocos, pois torna a sua leitura muito mais fácil, além de melhorar o visual.
- d) **Acentuação:** O uso de acentos não é mais problemático devido à grande interação existente atualmente entre os diferentes programas. Portanto, o texto do e-mail pode e deve estar acentuado, com exceção feita no caso de envio de mensagens para usuários de outras plataformas.
- e) **Clareza e objetividade:** Seja claro e objetivo ao compor o texto de sua mensagem. Lembre-se de que o e-mail é um texto e deve

- conter coerência e coesão. Além disso, faça sempre a correção ortográfica e gramatical do texto, pois facilitará a sua leitura.
- f) **Destinatário:** lembre-se de que seu e-mail apresenta um interlocutor e a linguagem de seu texto depende dele. Se for seu amigo pessoal, você estará autorizado a utilizar linguagem coloquial, inclusive gírias. Se seu interlocutor, entretanto, for seu chefe ou alguma pessoa com quem você não tem intimidade, você deverá utilizar linguagem padrão culta e tomar o máximo de cuidado para não incorrer em ambigüidades, em erros gramaticais e de coerência e coesão que podem gerar um e-mail incompreensível. Você não precisa fazer uso de pronomes de tratamento como Vossa Senhoria, Vossa Excelência (a não ser que seja imprescindível), basta usar Senhor fulano (sobrenome e não nome) ou Prezado Senhor fulano (sobrenome). Lembre-se de que, após o vocativo (Prezado Senhor, Senhor ou o sobrenome apenas), você deverá colocar, obrigatoriamente, uma vírgula.
- g) **Endereço:** é imprescindível lembrar-se de que o fato de preencher o endereço eletrônico não significa que você não precise se dirigir a um destinatário. Ele deve aparecer na primeira linha de seu e-mail.
- h) **Despedida e dados pessoais:** Para se despedir, basta usar “Atenciosamente” seguido de vírgula e colocar seu nome e sobrenome. A seguir, informar seus dados na empresa: departamento, e-mail, telefone, função exercida etc.

A rigor, as regras para a elaboração de um e-mail não diferem daquelas utilizadas na redação dos demais tipos de documentos.

37. TIPOLOGIA TEXTUAL

Texto/Contexto/Interlocutores

Talvez a maneira mais simples de definir a noção de texto seja dizer que é uma unidade de linguagem, de extensão variável, produzido a partir de um determinado **contexto ou situação**, que visa comunicar uma **mensagem**, através de um **meio**, de um **locutor ou sujeito** a um **interlocutor ou receptor**. Para isso, é utilizado um **código** comum aos interlocutores (locutor e receptor). Perceba que nessa definição houve referência a todos os elementos da comunicação, pois a existência de qualquer texto, seja oral, escrito ou visual, supõe todos os seis elementos da comunicação.

Descrever/Narrar/Dissertar

Tudo o que se escreve é redação. Elaboramos bilhetes, cartas, telegramas, respostas de questões discursivas, contos, crônicas, romances, artigos, monografias, descrições, narrações, dissertações, e-mails, enfim, várias modalidades de redação. Seja qual for a modalidade redacional, a criação de um texto envolve **conteúdo** (nível de idéias, mensagem, assunto), **estrutura**

(organização e distribuição adequada das idéias), **linguagem** (expressividade, seleção de vocabulário) e **gramática** (adequação à norma padrão da língua).

Geralmente as modalidades redacionais aparecem combinadas entre si, vamos, inicialmente, procurar definir os três tipos básicos.

Descrição

A descrição procura apresentar, com palavras, a imagem de seres animados ou inanimados captados através dos cinco sentidos (visão, audição, tato, paladar e gustação). A caracterização desses entes obedece a uma delimitação espacial.

Elementos predominantes na descrição:

- a) Frases nominais (sem verbo) ou orações em que predominam verbos de estado (ser, estar, parecer etc.).
- b) Frases enumerativas.
- c) Adjetivação, qualificando nomes.
- d) Figuras de linguagem: recursos expressivos, em linguagem conotativa, como metáfora, metonímia, prosopopéia, sinestesia etc.
- e) Referências às sensações, ou seja, das percepções visuais, auditivas, gustativas, olfativas e táteis.

Exercício:

Caminhe por alguns minutos, observe as coisas que estão a sua volta. Escolha uma dessas coisas, observe-a atentamente. Repare suas formas, com todos os detalhes. Suas cores. Agora, feche os olhos e sinta com o tato a espessura da superfície, o peso, a temperatura. Descubra que ruídos provoca ao contato com outro corpo. Seu gosto e seu cheiro. Pense que você a realmente observa pela primeira vez. Perceba-a, assim, com mais intensidade, com a motivação da descoberta das coisas novas. Concentre-se nas características que você pôde perceber, para caracterizar o objeto da melhor maneira possível. Procure apresentar uma imagem dele, de modo que o leitor possa recriar o objeto. Isso é descrever.

Narração

A narração constitui uma seqüência temporal de ações desencadeadas por personagens envoltas numa trama que culmina num clímax e se esclarece no desfecho.

Narrar, portanto, é contar uma história (real ou fictícia). O fato narrado apresenta uma seqüência de ações envolvendo personagens no tempo e no espaço.

São exemplos de narrativas a novela, o romance, o conto, uma peça de teatro, a crônica, uma notícia de jornal, uma piada, um poema, uma letra de música, uma história em quadrinhos, desde que apresentem uma sucessão de acontecimentos.

Convencionalmente, o enredo da narração pode ser assim estruturado: **exposição** (apresentação das personagens e/ou do cenário e/ou da época),

desenvolvimento (desenrolar dos fatos apresentando complicação e clímax) e **desfecho ou desenlace** (arremate da trama).

Entretanto, há diferentes possibilidades de se compor uma trama, seja iniciá-la pelo desfecho, construí-la apenas através de diálogos, ou mesmo fugir ao nexos lógico de episódios, ou seja, construir uma história que não está adequada à realidade, mas que está adequada a uma lógica que lhe é própria. Como exemplo disso, tem-se o seguinte excerto:

“A safra pertenceu originalmente a um sultão que morreu em circunstâncias misteriosas, quando uma mão saiu de seu prato de sopa e o estrangulou. O proprietário seguinte foi um lorde inglês, o qual foi encontrado certo dia, florindo maravilhosamente numa jardineira. Nada se soube da jóia durante algum tempo. Então, anos depois, ela reapareceu na posse de um milionário texano que se incendiou enquanto escovava os dentes. (Woody Allen. *Sem Plumás*)

Elementos básicos da narração:

- a) Enredo (ação), personagem, tempo e espaço.
- b) Foco narrativo (de 1ª ou 3ª pessoa) que é a perspectiva a partir da qual se conta a história.
- c) Os discursos (direto, indireto ou indireto livre) representam a fala da personagem.

Exercício:

Olhe ao seu redor. Veja quantas coisas movimentam-se ao seu lado. Note o mundo dos pequenos fatos acontecendo em torno de você. Essas situações podem ser relatadas, assim como os acontecimentos do dia, assim como podemos criar inumeráveis histórias. Escrever para contar o que acontece, com quem, onde e quando, como e porque e para quê. Escrever imaginando histórias, inventando e reinventando acontecimentos possíveis e passíveis de serem concebidos pela nossa sensibilidade. Isto é narrar.

Dissertação

Dissertar é expor idéias a respeito de um determinado assunto. É discutir essas idéias, analisá-las e apresentar provas que justifiquem e conveçam o leitor da validade do ponto de vista de quem as defende.

Dissertar é um exercício cotidiano e você o utiliza toda vez que discute com alguém, tentando fazer valer sua opinião sobre qualquer assunto, por exemplo, futebol, política etc. Isso porque o pensar, a capacidade de reflexão, é uma prática permanente da nossa condição de seres sociais, cujas idéias são debatidas e veiculadas através da comunicação lingüística.

Portanto, dissertar é analisar de maneira crítica situações diversas, questionando a realidade e nossas posições diante dela.

A adequada expressão do **conteúdo** da dissertação exige o encadeamento das idéias. Assim, para se redigir um texto dissertativo são indispensáveis:

- **Criticidade**: exame e discussão crítica do assunto, por meio de argumentos convincentes, gerados pelo acervo de conhecimentos pessoais adquiridos através

de pesquisas bibliográficas, leituras e experiências. É um processo de análise e síntese.

- **Clareza das idéias:** vocabulário preciso, objetivo e coerente às idéias expostas. O aprimoramento da linguagem e a diversidade vocabular são fundamentais para adequar idéias e palavras. Essa capacidade se adquire através do hábito de leitura, de escrita e de pesquisas em dicionários e gramáticas.

- **Unidade:** o texto deve desenvolver-se em torno de um assunto. As idéias que lhe são pertinentes devem suceder-se em ordem lógica. Não deve haver redundância nem pormenores desnecessários. Como não é possível esgotar um tema, a redação impõe certos limites e é preciso saber escolher os aspectos a serem desenvolvidos. Em vista disso, é muito importante que, antes de começar sua dissertação, você saiba **delimitar** o tema a ser explorado, selecionando os aspectos que achar mais relevantes ou aqueles que conheça melhor. A delimitação ajuda a pôr em ordem nossas idéias.

- **Coerência:** deve haver associação e correlação das idéias na construção dos períodos e na passagem de um parágrafo a outro. Os elementos de ligação, tais como conjunções, pronomes relativos, pontuação etc, são indispensáveis para entrosar orações, períodos e parágrafos.

- **Organização dos parágrafos:** não deve haver fragmentação da mesma idéia em vários parágrafos, nem apresentação de muitas idéias num só parágrafo. A seqüência dos parágrafos deve ser coerente e articulada. A transição entre os parágrafos deve ser adequada, quer pelas relações em nível das idéias, quer pelo uso de palavras e expressões de ligação.

Embora a capacidade de pensar, portanto a **capacidade dissertativa**, seja própria de nossa condição de homens, ela é limitada, em geral, por nossas condições de vida. Temos nos distanciado da paixão de pensar, de compreender, de questionar - de modo livre e lúcido, organizado e produtivo - nossa realidade.

Como encaminhar o pensamento para conquistar o conhecimento de forma organizada e coerente?

Suponhamos que devemos redigir um texto dissertativo sobre um determinado assunto, já realizamos uma pesquisa bibliográfica, porém nos encontramos em dificuldade para começar a escrever de forma organizada. Para que nosso trabalho seja encaminhado, vamos utilizar a técnica da dúvida:

1º passo: Transformar o tema em interrogação.

2º passo: Responder à interrogação de forma natural (se já estamos informados sobre o assunto, conseguimos tirar dessa resposta nossa **posição** ou **ponto de vista**).

3º passo: Por que pensamos assim? Tentar justificar nossa posição (desse questionamento extraímos nosso **argumento principal**).

4º passo: Procurar fazer anotações de idéias e exemplos relacionados ao tema, à posição e ao argumento principal, que poderão ser utilizados como **argumentos auxiliares**, coadjuvantes na sustentação de nossa posição e convencimento do receptor de nosso texto.

5º passo: Tentar se colocar na posição contrária, o que pensa e como se justifica quem assume posições diferentes da nossa (lembre-se que toda dissertação

supõe debate, discussão, há, portanto, diálogo, explícito ou implícito com outros conhecedores do assunto sobre o qual estamos escrevendo). Daqui tiramos os **argumentos contrários** aos nossos.

6º passo: **Confrontar** os nossos argumentos com os argumentos contrários. Será que nossos argumentos são realmente melhores? Será que são convincentes?

7º passo: Tentar encontrar novos argumentos para **refutar** os argumentos contrários à nossa posição.

Exercício:

Tente, agora, pensar em um tema polêmico, que esteja em evidência na imprensa, e aplique a técnica da dúvida.

Tipos de Dissertação

Dissertação Expositiva

Um texto é expositivo quando aborda uma verdade inquestionável, dá a conhecer uma informação ou explica pedagogicamente um assunto, sem apresentar discussão ou sem que o autor dê a conhecer, explicitamente, sua posição sobre o tema tratado. Exemplos de textos expositivos: livros didáticos de ciências, de história, matérias jornalísticas informativas etc.

Mas é importante ressaltar que mesmo nas dissertações expositivas é possível reconhecer uma posição, a partir da seleção de dados e da maneira de apresentar esses dados pelo autor.

Dissertação Argumentativa

O texto argumentativo sustenta-se com exemplos elucidativos, interpretação analítica, evidências e juízos, sempre com visão crítica. Assim, enquanto a dissertação expositiva apresenta um assunto, a argumentativa o discute. Nela, o autor assume, explicitamente, a defesa de uma posição.

Exercício:

Faça uma pesquisa em jornais e revistas. Identifique textos que sejam expositivos e textos que sejam argumentativos. Procure reconhecer o ponto de vista implícito, que organiza as informações, naqueles que se apresentam como meramente expositivos. Como esse ponto de vista se manifesta?

Estrutura do texto Dissertativo

A dissertação, comumente, apresenta três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão.

Introdução (ou tese)

É a apresentação do assunto a ser discutido e do ponto de vista que orientará o autor no desenvolvimento de seu texto. Pode ser elaborada por meio de afirmação, definição, citação, interrogação, da narração de um fato ou traçando uma trajetória histórica da questão tratada. Esses procedimentos podem ou não vir combinados entre si.

Exercícios:

Elabore, para cada um dos dois temas abaixo, um parágrafo introdutório entre 4 e 6 linhas.

Tema 1: “A base da democracia digital não é a liberdade de falar e escrever o que se quer, é a possibilidade de acesso à rede.” (Armin Medosch, filósofo austríaco).

Tema 2: “Ou nós dominamos os laboratórios, com os cientistas, a ciência e a tecnologia, ou seremos colonizados. Porque não vamos nem entender a linguagem do mundo futuro.” (Darcy Ribeiro, antropólogo).

Desenvolvimento (argumentação)

O desenvolvimento é a parte mais extensa do texto dissertativo. Constitui-se pela apresentação dos **argumentos**, que são exemplificações, dados estatísticos, referências a provas concretas, testemunhos de autoridade, referências históricas etc., que justificam e sustentam a tese (idéia central) apresentada na introdução.

O conteúdo dos parágrafos de desenvolvimento deve obedecer a uma progressão: repetir idéias mudando apenas as palavras resulta em redundância. É preciso encadear os enunciados de maneira que se completem (cada enunciado deve acrescentar informações novas ao anterior). Deve-se também evitar a reprodução de clichês e frases feitas - recursos que enfraquecem a argumentação.

Podemos definir o **argumento** como sendo aquilo que justifica e esclarece o pressuposto apresentada pelo autor sobre um determinado tema. uma relação.

Exercícios:

1) Procure identificar o pressuposto e o argumento nas frases abaixo, reescreva-as modificando a posição do pressuposto e do argumento.

a) As importações cresceram nos últimos anos a taxas maiores que as exportações, por isso o Brasil vem acumulando constantes déficits na balança comercial.

b) A produção de televisores diminuiu porque as vendas caíram no último ano.

c) Os turcos tomaram Constantinopla, então os portugueses empreenderam as Grandes Navegações.

d) “Tudo vale a pena se a alma não é pequena.” (Fernando Pessoa)

e) É preciso haver maior fluxo de investimentos em educação porque isso gerará trabalhadores mais qualificados.

f) A economia brasileira permanecerá estagnada nos próximos anos porque não há investimentos significativos por parte das empresas privadas como também do setor público.

2) Procure desenvolver um parágrafo argumentativo, de 4 a 6 linhas, para cada um dos dois temas apresentados abaixo. Utilize exemplos, justificativas, comparações ou qualquer outro recurso apropriado para comprovar os temas.

Tema 1: “A televisão matou a janela.” (Nelson Rodrigues, dramaturgo).

Tema 2: “É importante que a TV brasileira esqueça um pouco o consumidor e comece a conversar com o cidadão.” (Laurindo Lalo Leal Filho, jornalista).

Conclusão

Quando elaboramos uma dissertação, temos sempre um objetivo definido: defender uma idéia, um ponto de vista. Para tanto, formulamos uma tese interessante, que será desenvolvida com eficientes argumentos, até atingir a última etapa da estrutura dissertativa, que é a conclusão. Assim, as idéias devem estar articuladas numa seqüência que conduza logicamente ao final do texto.

Para textos com teor informativo, caberá a conclusão que condense as idéias consideradas. Já no caso de textos cujo conteúdo seja polêmico, questionador, recomenda-se a conclusão que proponha soluções ou levante hipóteses acerca do tema discutido. A conclusão pode, ainda, ser uma retomada da tese, reafirmando o posicionamento nela proposto.

O texto dissertativo será tão mais convincente quanto maior, mais coerente e mais convincente for a malha de relações que o autor conseguir tecer. Ou seja, quanto mais amplo for o **contexto** de relações de causa e conseqüência em que o autor conseguir inserir o assunto abordado.

Exemplo:

Tema:

A falta de leitura entre os jovens.

Pressuposto:

O caráter predominantemente visual da cultura de massas (substituição da palavra pela imagem).

Argumentos:

Por isso, os jovens têm dificuldades para apreender conceitos.

Por isso, os jovens são propensos a ter dificuldades para dominar a sintaxe da Norma Culta da Língua Portuguesa.

Conclusão:

Constata-se um crescente empobrecimento intelectual entre os jovens.

Exercícios:

Leia com atenção o texto “Luxo e Avareza”, de Contardo Calligaris.

1) Procure indentificar: **tema**, **ponto de vista do autor**, sua **estratégia argumentativa** e a **conclusão** a que chega.

2) Procure também sintetizar cada parágrafo por meio de uma idéia-chave.

3) No final de seu texto, Contardo Calligaris fala de um “empobrecimento da experiência cotidiana”. Como você entende essa afirmação? O que poderia ter levado a esse empobrecimento?

LUXO E AVAREZA

Contardo Calligaris

Gilles Lipovetsky, em “O Luxo Eterno” (Companhia das Letras), observa que o luxo está se tornando mais democrático. A razão que ele propõe é a seguinte: hoje, o luxo não consistiria mais em consumir de maneira extravagante ou em acumular bens caros e raros, mas em nos permitirmos experiências intensas e extraordinárias ou, então, em tratar de nossa saúde.

De fato, os objetos de luxo estão se tornando um pouco bregas. É cafona servir de cabide a uma coleção de roupas assinadas e mesmo carregar ostensivamente uma carteira de grife (se essa foi a única coisa que a gente conseguiu comprar).

O estilo despojado parece ser uma marca de elegância mais certa do que uma cuidadosa combinação de vestuário e acessórios. É porque o despojamento transmite a mensagem seguinte: “Eu não perco tempo me olhando no espelho e verificando se estou vestido ‘direito’; meus interesses são outros”. Ou seja, você deambula pelos shopping centers ao passo que eu levo minha calça surrada pelas estradas do mundo; meu luxo é que vivo de verdade, enquanto você passa de pose em pose.

Como exemplos dessa nova concepção do luxo, Lipovetsky lembra o caso do homem que pagou 22 milhões de euros para passar uma semana na estação espacial internacional e, mais geralmente, invoca o enorme mercado da saúde e da forma. Ele conclui que não anelamos mais adquirir e ostentar bens; preferimos nos dar o luxo de viver experiências extremas e de cuidar de nosso bem-estar físico e psíquico. Ou seja, o luxo hodierno seria uma questão de vivências: velejar pelo Cabo da Boa Esperança, comer vegetais orgânicos, freqüentar uma academia, um spa ou um psicanalista.

É um progresso? Lipovetsky parece pensar que sim, visto que, segundo ele, as novas práticas do luxo teriam um valor intrínseco e não só ostentatório: treino ou viagem para meu próprio bem ou para meu prazer, não para merecer a consideração ou suscitar a inveja dos outros. O novo luxo não estaria a serviço da divisão social entre os que têm e os que não têm; ele estaria a serviço da fruição da vida. Legal, não é? Pois é, eu não estou muito convencido disso.

O luxo atual, por mais que pareça consistir em vivências e cuidados de si, continua a serviço das aparências. Por exemplo, o despojamento, do qual falei antes, fomenta uma indústria de paramentos: é possível comprar uma calça velha muito mais cara do que seu equivalente novo de fábrica, e a prática de aventuras extremas talvez propague uma mensagem parecida com a dos jeans rasgados: “Veja como vivo intensamente”. Do mesmo jeito, o cuidado com a forma talvez seja, antes de mais nada, uma preocupação com as formas: “Veja meu corpinho”. Mas isso é o de menos.

O que me inquieta mais, no novo luxo, é sua avareza. Explico.

Uma boa parte de nossos cuidados com a forma alvejam a preservação de nossas forças, de nossa juventude e, enfim, da duração de nossa vida: paradoxalmente, trata-se de um luxo em que gastamos para poupar.

Quanto à paixão por experiências extremas, impressiona-me o caráter marginal e extraordinário das experiências: elas são interrupções na vida de cada dia, momentos de férias.

O pretense luxo das vivências é quer seja uma defesa contra o desgaste de nossas energias, quer seja uma válvula de escape.

Em suma, talvez estejam em vigor ideais novos (o ideal da aventura e o do cuidado de si), diferentes do antigo ideal do luxo, em que vislumbrávamos os apetrechos necessários para parecermos chiques, ricos e famosos. Mas esses novos ideais se limitam a alimentar uma eterna preparação física e psíquica (os atos ficam para amanhã) ou, então, realizam-se em momentos de evasão. É como se, sonhando em ser exploradores e viajantes, encontrássemos nossa “satisfação” fazendo as malas ou sendo turistas de vez em quando.

Alguém dirá: qual é o problema? Será que deveríamos abandonar casa, trabalho, filhos e família para procurar aventuras mirabolantes e, sobretudo, permanentes? Nada disso.

A questão é esta: como foi que nossa experiência cotidiana se empobreceu a ponto de passarmos nosso tempo nos preparando para 15 dias por ano de pseudo-aventuras de férias obrigatórias? Como aconteceu de o “luxo” deixar de ser uma forma suntuosa de gastar a vida e se tornar uma forma de poupá-la em vista de eventuais escapadelas no fim do ano ou nos feriados?

As novas formas do luxo, apontadas por Lipovetsky, sugerem que estamos vivendo na impressão de uma mediocridade crônica, treinando e poupando forças para um “alhores” geográfico e temporal.

Ora, o verdadeiro luxo das vivências consistiria em viver não na espera ou no treino, mas aqui e agora, com toda a intensidade possível.

Neste ano, no Brasil, foram publicados três livros de Lipovetsky: ***A Era do Vazio*** (que é de 1983), ***A Sociedade pós-Moralista Crepúsculo do Dever*** (que é de 1992) e ***Luxo Eterno*** (que é de 2003 e reúne dois ensaios, um de Lipovetsky e outro de Elyette Roux). Além disso, acaba de sair ***A Invenção do Futuro***, debate organizado por Miguel Reale Júnior e Jorge Forbes, com a participação de Lipovetsky.

(In: *Ilustrada, Folha de São Paulo*, 22/09/05)

1) Proposta de dissertação:

Leia com atenção as duas letras de músicas transcritas abaixo e siga os seguintes passos:

1º passo: grife as palavras de sentido desconhecido ou duvidoso, procure o sentido preciso no dicionário. Monte um glossário com essas palavras, obedecendo a ordenação alfabética.

2º passo: faça um levantamento das questões sociais abordadas pelos autores. Há argumentos por comparação? Reconheça-os. Há abordagem de preconceitos ou de temas considerados tabus pela sociedade. Quais? Como são tratados?

3º passo: proposta de discussão em classe sobre os temas sociais reconhecidos pelos alunos.

4º passo: elabore um texto dissertativo, composto por um parágrafo introdutório, dois parágrafos argumentativos e um parágrafo conclusivo. Com base nas discussões feitas em classe, o próprio aluno deve delimitar um tema e, posteriormente, dar um título a sua dissertação.

Americanos

Caetano Veloso

Americanos pobres na noite da Louisiana
 Turistas ingleses assaltados em Copacabana
 Os pivetes ainda pensam que eles eram americanos
 Turistas espanhóis presos no aterro do Flamengo
 Por engano
 Americanos ricos já não passeiam por Havana

Veados americanos trazem o vírus da Aids
 Para o Rio no carnaval
 Veados organizados de São Francisco conseguem
 Controlar a propagação do mal
 Só um genocida em potencial
 - de batina, de gravata ou de avental -
 Pode fingir que não vê que os veados
 - Tendo sido o grupo-vítima preferencial -
 Estão na situação de liderar o movimento pra deter
 A disseminação do HIV

Americanos são muito estatísticos
 Têm gestos nítidos e sorrisos límpidos
 Olhos de brilho penetrante que vão fundo
 No que olham, mas não no próprio fundo
 Os americanos representam grande parte
 Da alegria existente neste mundo
 Para os americanos branco é branco, preto é preto,
 (E a mulata não é a tal)
 Bicha é bicha, macho é macho,
 Mulher é mulher e dinheiro é dinheiro.

E assim ganham-se, barganham-se, perdem-se,
 Concedem-se, conquistam-se direitos
 Enquanto aqui embaixo a indefinição é o regime
 E dançamos com uma graça cujo segredo nem eu
 Mesmo sei

Entre a delícia e a desgraça,
Entre o monstruoso e o sublime

Americanos não são americanos
São velhos homens humanos
Chegando, passando, atravessando.
São tipicamente americanos.

Americanos sentem que algo se perdeu,
Algo se quebrou, está se quebrando

Haiti

Gilberto Gil/Caetano Veloso

Quando você for convidado pra subir no adro
Da Fundação Casa de Jorge Amado
Pra ver do alto a fila de soldados, quase todos pretos
Dando porrada na nuca de malandros pretos
De ladrões mulatos e outros quase brancos
Tratados como pretos
Só pra mostrar aos outros quase pretos
(Que são quase todos pretos)
Como é que pretos, pobres e mulatos
E quase brancos, quase pretos de tão pobres são tratados
E não importa se olhos do mundo inteiro
Possam estar por um momento voltados para o largo
Onde os escravos eram castigados
E hoje um batuque, um batuque
Com a pureza de meninos uniformizados de escola secundária em dia de parada
E a grandeza épica de um povo em formação
Nos atrai, nos deslumbra e estimula
Não importa nada: nem o traço do sobrado
Nem a lente do Fantástico, nem o disco de Paul Simon
Ninguém, ninguém é cidadão
Se você for ver a festa do Pelô, e se você não for
Pense no Haiti, reze pelo Haiti
O Haiti é aqui, o Haiti não é aqui
E na TV se você vir um deputado em pânico mal dissimulado
Diante de qualquer, mas qualquer mesmo, qualquer, qualquer
Plano de educação que pareça fácil
Que pareça fácil e rápido
E vá representar uma ameaça de democratização
Do ensino de primeiro grau
E se esse mesmo deputado defender a adoção da pena capital
E o venerável cardeal disser que vê tanto espírito no feto
E nenhum no marginal
E se, ao furar o sinal, o velho sinal vermelho habitual

Notar um homem mijando na esquina da rua sobre um
 Saco brilhante de lixo do Leblon
 E ao ouvir o silêncio sorridente de São Paulo
 Diante da chacina
 111 presos indefesos, mas presos são quase todos pretos
 Ou quase pretos, ou quase brancos, quase pretos de tão pobres
 E pobres são como podres e todos sabem como se tratam os pretos
 E quando você for dar uma volta no Caribe
 E quando for trepar sem camisinha
 E apresentar sua participação inteligente no bloqueio a Cuba
 Pense no Haiti, reze pelo Haiti
 O Haiti é aqui, o Haiti não é aqui

2) Proposta de dissertação:

A partir da leitura do texto “Saber ler e escrever”, de Contardo Calligaris, e das músicas “Comida”, de Arnaldo Antunes, e “Balada do Asfalto”, de Zeca Baleiro, redija uma dissertação em prosa sobre o tema: **A importância da formação cultural frente ao utilitarismo do mundo contemporâneo.**

SABER LER E ESCREVER

Contardo Calligaris

Em 2003, o governo lançou o programa “Por um Brasil Alfabetizado”. Desde então, periodicamente, há cerimônias solenes de formatura para adultos que aprenderam a ler e a escrever e para os que completaram o ensino fundamental. Com frequência, o próprio presidente Lula felicita a turma.

No sábado passado, no Rio de Janeiro, o presidente disse aos alunos que, uma vez formados, eles poderão mais facilmente encontrar emprego e ganhar mais do que um salário mínimo. Além disso, o progresso na qualificação dos trabalhadores contribuirá para o desenvolvimento nacional.

Um mês atrás, em circunstâncias análogas, o presidente evocou uma lembrança tocante: seu pai, analfabeto, comprava o jornal para que os outros não descobrissem que ele não sabia ler. Juntando Fome Zero, programa de alfabetização e campanha da auto-estima brasileira, ele afirmou: “Comer e estudar possibilitam ter força para trabalhar. Possibilitam estufar o peito e dizer: “eu sou brasileiro e não desisto nunca”.

Não há como não concordar: o analfabetismo é injustamente vivido como vergonha, o esforço de quem se alfabetiza na idade adulta pode e deve ser motivo de grande orgulho e, certamente, é mais fácil trabalhar comendo e sabendo ler e escrever.

Mas resta que, nos discursos citados, nada parece ser dito sobre o que significa mesmo aprender a ler (não tenho acesso à íntegra desses discursos, talvez minha observação valha apenas para a seleção relatada na imprensa).

Algum leitor tomará a dianteira: “Agora ele vai nos dizer que o importante, na alfabetização, não é melhorar o acesso ao mercado do trabalho e permitir o

exercício digno da cidadania (saber ler formulários, votar, informar-se). Ele vai dar uma de intelectual e afirmar que o pessoal deve se alfabetizar para ler Camões e Machado de Assis”.

É quase isso. Explico.

No começo dos anos 1970, em Genebra, fiz parte de um pequeno grupo de acadêmicos italianos que organizou um curso noturno para os imigrantes que quisessem completar o ensino fundamental. Leitores de Paulo Freire, tínhamos a ambição de fazer de nossas aulas um momento de “conscientização” (era a palavra na moda).

Pois bem, as pequenas turmas que ajudamos se interessavam, obviamente, pelo diploma (que era a condição para se candidatar a um emprego público na Itália). Mas o que todos queriam, o que os motivava, depois de um trabalho brutal, a passar as noites numa sala de aula era outra coisa.

Foi a pedido deles que inventei um jeito de resumir muitos daqueles livros sem os quais o mundo fica mais triste e pobre. Resumi a “Divina Comédia”, “Dom Quixote”, “Crime e Castigo” e “Moby Dick”. Resumi “Édipo Rei” e a “Fedra” de Racine. Resumi “O Jovem Törless” e “O Coração das Trevas”. Para cada livro, eu contava a história, mostrava como ela nos tocava de perto e trazia um parágrafo ou dois de um momento crucial, para a gente ler e comentar. Às vezes, mudava as palavras ou endireitava a sintaxe, simplificava o texto.

Mais pelo fim do curso, a gente ia ao cinema aos sábados. Depois do filme, durante noites das quais ainda sinto saudade, no café Landolt; era um festival de nexos e interpretações. “Ele fez que nem o capitão Ahab”, “Ela era uma Fedra mesmo”, “O outro se tomava pelo Grande Inquisidor” e por aí vai. As conversas se confundiam com o papo dos estudantes de letras nas mesas ao lado da nossa. Emocionava-me a familiaridade com a qual tratavam a tradição literária, mas o fato mais comovedor, para mim e para eles, era que sua experiência e sua fruição do mundo eram, de repente, mais ricas, mais complexas, mais humanas.

Como é possível que, na hora de promover o programa nacional de alfabetização, só pareçam importar as vantagens materiais e sociais do diploma? Qual incompreensão do sentido da cultura e de seu uso faz que os discursos que felicitam os candidatos só falem de emprego e mudança de status?

Não vale responder que os candidatos têm necessidades imediatas (trabalho, arroz e feijão), enquanto a cultura é um luxo: negar esse “luxo” sob pretexto de que ele não enche a barriga significa negar a humanidade dos que se sentam num banco de escola.

No discurso de setembro que citei antes, o presidente concluiu: “*Se um filho de pai e mãe analfabetos, um torneiro mecânico de formação chegou a presidente da República, vocês acreditem que se quiserem podem chegar muito mais alto do que os livros dizem que vocês podem chegar. É só ter vontade, e não parem de estudar.*” (obviamente, o destaque é meu).

Paradoxo: se os livros dizem que a gente não pode subir na vida, por que aprender a ler e por que continuar estudando? Ah, claro, tinha esquecido: para ganhar um emprego melhor...

Não sei de quais livros o presidente está falando, mas sei que os livros de que gosto (e que meus alunos de Genebra gostavam) não dizem ao leitor que ele não pode subir na vida. Ao contrário, esses livros ensinam a sonhar, a viver a vida

mais plenamente e a levá-la a sério. Em suma, eles ensinam a ser gente. Das várias maneiras de “subir na vida”, é a que mais vale a pena.

(in: *Ilustrada*. **Folha de S. Paulo**, 27/10/2005)

COMIDA **Arnaldo Antunes**

Bebida é água.
Comida é pasto.
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?
A gente não quer só comida,
A gente quer comida, diversão e arte.
A gente não quer só comida,
A gente quer saída para qualquer parte.
A gente não quer só comida,
A gente quer bebida, diversão, balé.
A gente não quer só comida,
A gente quer a vida como a vida quer.

Bebida é água.
Comida é pasto.
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?
A gente não quer só comer,
A gente quer comer e quer fazer amor.
A gente não quer só comer,
A gente quer prazer pra aliviar a dor.
A gente não quer só dinheiro,
A gente quer dinheiro e felicidade.
A gente não quer só dinheiro,
A gente quer inteiro e não pela metade.

BALADA DO ASFALTO **Zeca Baleiro**

me dê um beijo meu amor
só eu vejo o mundo com meus olhos
me dê um beijo meu amor
hoje eu tenho cem anos
hoje eu tenho cem anos
e meu coração bate como um pandeiro

num samba dobrado
vou pisando o asfalto entre os automóveis
mesmo o mais sozinho nunca fica só

sempre haverá um idiota ao redor

me dê um beijo meu amor
os sinais estão fechados
e trago no bolso uns trocados pro café
e o futuro se anuncia no outdoor luminoso
luminoso o futuro se anuncia no outdoor

há tantos reclames pelo céu
quase tanto quanto nuvens
um homem grave vende risos
a voz da noite se insinua
e aquele filme não sai da minha cabeça

rumino versos de um velho bardo
parece fome o que eu sinto
eu sinto como se eu seguisse
os meus sapatos por aí
há alguns dias atrás vendi minha alma
a um velho apache
não é que eu ache
que o mundo tenha salvação
mas como diria o intrépido caubói
fitando o bandido indócil
a alma é o segredo
a alma é o segredo
a alma é o segredo do negócio

38. TEXTOS PERSUASIVOS

Nos textos dissertativos o locutor procura convencer seu receptor pela validade das verdades que enuncia, pela organização lógica das relações que estabelece em seu discurso e pelas conclusões que apresenta.

Persuadir é convencer. Os textos persuasivos visam a convencer seus receptores e, principalmente, influenciar seu pensamento e seu comportamento. Para que ocorra o convencimento, a manipulação do receptor (destinatário da mensagem) pelo locutor (destinador da mensagem) aquele deve aceitar os valores que este apresenta em seu discurso.

Os textos persuasivos não se restringem ao uso da razão (como, em geral, os dissertativos), mas recorrem também, e principalmente, a apelos emocionais e sensoriais, procuram também seduzir os sentidos e a afetividade do receptor (destinatário da mensagem).

Exemplos de textos persuasivos: discurso religioso, discurso político, a publicidade ou qualquer discurso que formulamos em nosso cotidiano para convencer nossos amigos, filhos, esposos, namorados, pais a aceitar um determinado valor.

Pode-se reconhecer basicamente quatro tipos de persuasão:

1) Por **provocação**, quando o destinador, em seu discurso, apresenta uma imagem negativa do destinatário e impõe a ele um dever-fazer. Ou seja, para que essa imagem seja mudada ele deve mudar sua maneira de agir ou de pensar, seja aceitando determinados valores religiosos, votando em algum político ou consumindo um determinado produto, pois *quem assim não faz é careta, reacionário, quadrado, descrente...*

2) Por **intimidação**, quando o destinador, em seu discurso, apresenta ao destinatário a ameaça de uma sanção negativa, uma punição, caso ele não venha a agir ou pensar de uma determinada maneira. Impõe-se, portanto, um dever-fazer sob o risco de recair valores negativos sobre o destinatário. Isto ocorre, por exemplo, quando nos limitamos a dirigir a 100 km/h devido ao risco de transgredir as leis de trânsito e sermos punidos com multa, ou quando acatamos a campanha de prevenção da Aids e passamos a exigir camisinha.

3) Por **sedução**, quando o destinador apresenta uma imagem positiva do destinatário caso ele assuma determinada forma de pensar, aja de certa maneira ou consuma algum produto. O destinador, em geral, é seduzido pelos sentidos ou pela emoção, é colocado a ele um querer-fazer, pois, criado o desejo, ele efetivamente quer pensar, agir ou consumir para que os outros tenham dele uma determinada imagem. Por exemplo, se a moça usar “Impulse” ficará tão bonita e cheirosa que os rapazes bonitos não resistirão e lhe oferecerão flores.

4) Por **tentação**, quando o destinador apresenta ao destinatário um valor positivo que ele alcançará caso pense ou aja de uma determinada maneira. O destinatário assim quererá fazer para alcançar sua recompensa (é apresentado a ele um querer-fazer). Por exemplo, quando é oferecida à criança uma viagem à Disneylândia caso ela passe para o 2º grau.

Exercícios:

1) Procure identificar nas propagandas de televisão ou de revista aquelas que convencem por provocação, por intimidação, por sedução e por tentação. Procure perceber também como esses tipos de persuasão se misturam nas propagandas.

2) Elabore um texto publicitário de um produto da sua escolha, real ou criado por você. Tente convencer seu público a comprá-lo. Seu texto deve ser composto de “título” (frase dirigida ao destinatário, slogan do produto), “texto” (você deve entrar em maiores detalhes a respeito do produto que pretende vender) e “assinatura” (apresenta o nome e/ou a marca do produto como solução para determinado problema de seu público).

3) Imagine que você possui ou trabalha para uma empresa prestadora de serviços. Elabore uma carta para um possível cliente, tentando convencê-lo a utilizar um determinado serviço que sua empresa oferece.

39) Dez passos para montar um currículo nota 10

Tudo bem. Você tem um histórico brilhante, uma formação maravilhosa e experiências significativas. Mas você sabe como organizar tudo isso no seu currículo?

Os *headhunters* dizem que a maioria não sabe. Pensando nessa dificuldade, separamos dez dicas para deixar seu currículo igual a você: Nota 10!

1) Comece com os dados pessoais

Escreva bem no alto da página: seu nome, endereço, telefone, celular, e-mail, nacionalidade, idade, estado civil e número de filhos. Há quem diga que os três últimos devem ir por último. Faça como quiser, mas o importante é não colocar mais nada além disso. Ou seja, RG, CPF, atestado de reservista, carteira profissional e título de eleitor são besteiras. Esqueça-os.

2) Deixe claro seus objetivos

Depois dos dados pessoais, coloque o(s) cargo(s) e a área a que você aspira, mas seja breve. Se você ainda não é um profissional experiente, o ideal é explicar como você pretende direcionar sua carreira e por que resolveu escolher essa profissão. Tome cuidado para não mandar seu currículo para qualquer empresa. Antes disso, enfoque sua área de atuação e o cargo desejado. Não vale a pena dizer que tem interesse de atuar em 20 áreas diferentes.

3) Capa cor-de-rosa não ajuda

Se você entrega seu currículo com capas ou guarda dentro de pastas com cor e cheiro, esqueça. O segredo é usar folhas brancas limpas e grampeadas. Até a tipografia deve seguir a linha tradicional: Courier, Arial ou Times New Roman. Os negritos, itálicos e sublinhados só devem ser usados para organizar as informações. Alguns *headhunters* advertem para o fato de que a preocupação excessiva com a estética dá a impressão que o candidato está tentando compensar uma eventual falha.

4) Currículo sim, biografia não

Um erro muito comum é achar que quanto maior o currículo melhor ele fica. Lembre-se: o tempo que você tem para se apresentar não passa de um minuto. Duas folhas, portanto, são ideais, e não vale usar aquela velha tática de diminuir o tamanho da fonte para colocar mais informação dentro de uma página. Cuidado também para não escrever errado. Erros de português pegam muito mal.

Para um profissional com longos anos de estrada é aconselhável montar um segundo currículo mais detalhado que deve ser mostrado só se for chamado para a entrevista.

Faça um currículo especial para cada empresa que você deseja trabalhar. Óbvio que para isso você vai precisar saber em quais empresas deseja atuar. A partir daí você deve descobrir tudo o que pode sobre a empresa. Como? Internet, jornais, revistas e principalmente conversas com funcionários do local. Eventualmente, você pode encontrar soluções para os problemas que a empresa enfrenta. Isso pode servir como cartas na sua manga.

5) Minhas experiências

O próximo passo é falar das suas experiências profissionais. Essa é uma parte extremamente delicada do currículo. Você deve falar de maneira sucinta todos os lugares por que passou e quais foram as suas experiências dentro de cada empresa. Ou seja, vai falar do que é capaz. Uma ótima idéia é organizar seu texto em tópicos.

Mas como ser tão sucinto? Mencione apenas as 5 últimas empresas em que você trabalhou começando pelas mais recentes e caminhando para as mais antigas. Fale o nome da empresa, se ela não for conhecida faça uma rápida apresentação dela (ramo de atividade, posição no mercado, faturamento e número de funcionários). Depois descreva seu cargo e o que fazia na prática. Acredite: isso faz a diferença. Ou seja, diga quais eram suas funções e responsabilidades. Se possível não esqueça de mencionar o quanto a empresa lucrou com suas ações.

Caso você esteja começando a carreira vá direto para sua formação acadêmica.

6) A vingança dos Nerds

Uma formação acadêmica numa escola de ponta vai fazer diferença sim. Nessa hora, aqueles longos anos de estudo para entrar na melhor faculdade fazem a diferença. Se você é graduado por uma faculdade não muito conhecida o ideal é "reparar esse erro" fazendo uma pós-graduação. Isso não significa, no entanto, que as pessoas que não estudaram em instituições de renome não têm chance.

A vantagem de ter estudado numa boa faculdade aparece quando a seleção é feita entre pessoas com pouca ou nenhuma experiência. Os graduados numa boa faculdade sempre têm mais chances.

Vale também dizer que os cursos relâmpagos não ajudam em nada. Coloque apenas aqueles que realmente acrescentaram algo importante na sua vida. Esqueça daqueles seminários inúteis de meia hora. Eles definitivamente não interessam.

7) Do you speak English?

Se por um lado os seminários inúteis não ajudam, falar fluentemente um outro idioma vale.

Principalmente se você fez um curso no exterior. Os *trainees* que fizeram intercâmbio e trabalharam entregando pizza, limpando piscinas, ou qualquer atividade semelhante ganham ainda mais crédito. Por isso não tenha vergonha de dizer como foi sua vida lá fora.

Lembre-se: não vale a pena enganar. Você pode ser surpreendido com um teste cara a cara e se dar mal. Aliás, se descobrirem qualquer falcatrua no seu currículo você será dispensado na hora. O critério é o seguinte: ou você sabe falar fluentemente um outro idioma, ou não sabe. É melhor você falar que seu espanhol é apenas básico, ao invés de dizer que sabe se virar muito bem.

8) Carta para meu futuro chefe

A carta de apresentação serve para personalizar o currículo e mostrar se você serve ou não para o cargo que está disponível. O mais adequado é escrever uma carta para cada empresa.

Sabe aquelas conversas de bastidores? Então, se você conseguir descobrir quem será seu chefe, mais um ponto. Encaminhe diretamente para ele e não se esqueça de colocar os dados sobre a empresa que possam reforçar seus argumentos.

Se você for mandar seu currículo para uma empresa de *headhunting*, enderece a carta à empresa ou a um dos seus consultores. Uma carta de apresentação deve responder a 3 perguntas básicas: quem sou, o que quero e o que realizei na carreira. Termine com um pedido de entrevista. A carta de apresentação deve ter no máximo 20 linhas.

Algumas palavrinhas mágicas vão ajudar você a deixar seu currículo mais bem escrito. Use verbos como:

- realizar (um projeto)
- organizar (uma equipe)
- implantar (um processo)
- atingir (resultados)
- motivar (pessoas)
- delegar (tarefas)
- criar e executar (soluções)

Coloque todos os verbos no pretérito perfeito, como no exemplo: "criei um novo sistema de trabalho e motivei toda a equipe. Atingi resultados fantásticos".

O currículo nunca deve falar sobre pretensão salarial, nem sequer mencione o pacote de remuneração da empresa anterior. Esse assunto deve ser tratado durante a entrevista.

9) Como devo enviar meu currículo?

Não existe consenso sobre qual é a melhor forma de enviar seu currículo. Muitas empresas possuem um cadastro on line em que o candidato apenas completa os dados. Alguns consultores sugerem mandar o currículo como um documento anexado, outros dizem que nem sempre é possível abrir um documento anexado em função de problemas técnicos, ou até por medo de possíveis vírus. O ideal, portanto, é fazer das duas maneiras. Envie um e-mail com o currículo anexado, mas diga que, por via das dúvidas, vai enviar seu currículo também pelo correio.

Seja por e-mail, seja por correio, é completamente desnecessário enviar uma foto. Pode parecer exibicionismo. Mas é conveniente que você leve, no dia da entrevista, uma foto e de preferência com terno (homens) ou tailleur(mulher).

10) É só?

Depois de entrar numa boa empresa não esqueça de atualizar seu currículo sempre que houver uma mudança significativa na sua carreira. Coloque tudo que for realmente significativo. Desde mudança de telefone até um negócio milionário que você fechou com a sua empresa, ou um projeto que deu muito certo no mercado.

Alguns consultores aconselham as pessoas a criar uma espécie de diário profissional. Assim, o profissional não esquece dos fatos importantes da sua carreira.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRÉ, Hildebrando Afonso de. *Gramática Ilustrada*. São Paulo: Moderna, 1982.
- BARBOSA, Severino A . M. e AMARAL, Emília. *Escrever é desvendar o Mundo*. Campinas: Papyrus, 1986.
- BARROS, Diana. *Teoria Semiótica do Texto*. São Paulo: Ática, 1990.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. São Paulo: Difusão Editorial S.A., 1975.
- BOAVENTURA, Edivaldo. *Como Ordenar as Idéias*. (Col. Princípios). São Paulo: Ática, 1995.
- CARVALHO, Nelly de. *Publicidade: A Imagem da Sedução*. São Paulo: Ática, 1996.
- CITELLI, Adilson. *Linguagem e Persuasão*. São Paulo: Ática, 1993.
- CUNHA, Celso. *Gramática do Português Contemporâneo*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares , 1970.
- FERREIRA, Mauro. *Aprender e Praticar Gramática*. São Paulo: FTD, 1992.
- FIORIN, José Luiz. *Elementos de Análise do Discurso*. São Paulo: Edusp, 1989.
- GARCIA, Othon Moacir. *Comunicação em Prosa Moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1977.
- GRION, Laurinda. *Como Redigir Documentos Empresariais*. São Paulo: Edicta, 2002.
- INFANTE, Ulisses. *Curso de Gramática Aplicada aos Textos*. São Paulo: Scipione, 1995.
- KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1992.
- KOCH, Ingedore Villaça e TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e Coerência*. São Paulo: Cortez, 1993.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é Leitura*. (Col. Primeiros Passos). São Paulo: Brasiliense, s/d.
- PLATÃO & FIORIN. *Para Entender o Texto*. São Paulo: Ática, 1995.
- SANDMANN, Antônio. *A Linguagem da Propaganda*. São Paulo: Edusp, 1993.
- SANTAELLA, Lúcia. *O que é Semiótica*. (Col. Primeiros Passos) São Paulo: Brasiliense, 1996.
- SODRÉ, Muniz. *Televisão e Psicanálise*. (Col. Princípios). São Paulo: Ática, 1987.
- VIANA, Carlos Antônio (coord.). *Roteiro de Redação: lendo e argumentando*. São Paulo: Scipione, 1998.